

ILUSTRAÇÃO



A N O V I
NÚMERO 134

LISBOA, 15 DE JULHO DE 1931

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Bolachas

Nacional

**a grande
m a r c a
portuguesa**

*Variadas e Saborosissimas Qualidades
Um Unico Fabrico: O Melhor*

É certamente portuguesa a mais linda rapariga do mundo

Faça o seu retrato para ganhar o Concurso Internacional Kodak

COM certeza julga conhecer a mais linda rapariga de todo o mundo... Faça o seu retrato e envie-o ao Concurso Internacional Kodak, para com êle ganhar prémios no valor de mais de 250.000.000 escudos.

Assuntos cheios de vida, como aqueles que certamente tem a sua preferência, são os que mais probabilidades tem de triunfar, pois a técnica nada importa.

Não é necessária uma máquina complicada e cara. Não! Basta um «Brownie», um «Hawk-Eye» ou um «Kodak», que se podem adquirir a partir de Esc. 50.000, para com uma única foto poder ganhar mais de Esc. 250.000.000.

O Júri português, encarregado da classificação dos concorrentes é constituído por D. Amélia Rey Colaço, Dr. José de Figueiredo, Pintor Souza Lopes, Dr. Souza Costa, etc.

Não perca um unico minuto e, comece já a fazer fotografias destinadas ao Concurso Kodak. Quantas mais, maiores serão as suas probabilidades.



● O Snr. Dr. José de Figueiredo, ilustre Director do Museu de Arte Antiga, que faz parte do júri português.

● A película Kodak, na caixa amarela com a inscrição «Kodak-Film», é a garantia do êxito das vossas fotografias.

PREMIOS NACIONAIS:

Grande Premio Nacional de Esc. 10.000.000

6	premios de 1.000 escudos
6	» » 400 »
6	» » 200 »
12	» » 100 »
36	» » 50 »

PREMIOS INTERNACIONAIS:

Grande Premio Internacional de 10.000 dollars e Trofeu «Kodak»
Seis 1.ºs premios Internacionais de 1.000 dollars e Medalha d'Ouro para as fotografias que obtiverem o 1.º premio de cada categoria.

CATEGORIAS:

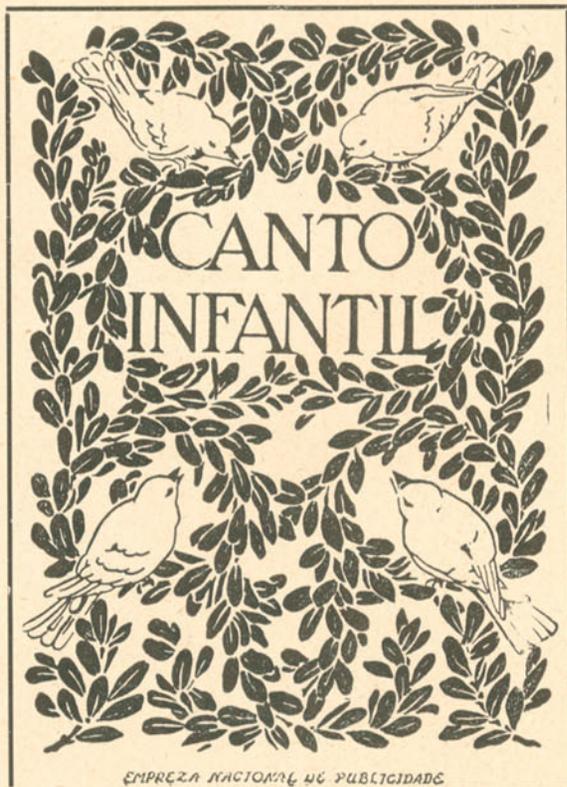
- A — Crianças
- B — Ar livre
- C — Desportos
- D — Naturezas mortas, arquitectura, interiores
- E — Retratos
- F — Fotografias de animais

• • •

Pedir a qualquer revendedor «Kodak» ou à «Kodak Ltd.», Rua Garrett, 33 - Lisboa, as condições do Concurso.



CONCURSO INTERNACIONAL "KODAK"
para fotografos amadores, 375.000 escudos de prémios



Biblioteca dos Pequenininos

Directora: D. Emilia de Sousa Costa

VERSOS de Afonso Lopes Vieira
MUSICA de Tomás Borba
ILUSTRAÇÕES de Raul Lino

«Esta obra escreveu o sr. dr. Agostinho de Campos: Livro benemérito. Dar de beber a quem tem sede não é mais util nem mais santo do que dar de cantar a quem não tem canções. Este livro contém canções infantis e escolares, inspirando-se a poesia em motivos da nossa natureza e história e a música em tonalidades também nacionais.»

P R E Ç O : 1 0 \$ 0 0

*A' venda na filial do DIARIO DE NOTICIAS
Largo de Trindade Coelho, 10 e 11 — e em todas as livrarias*

Comprai e dai a lêr aos vossos filhinhos o novo volume
DA BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

O PRETINHO DE ANGOLA

por CESAR DE FRIAS

com ilustrações de Ilberino dos Santos

Desta narrativa encantadora, diz o crítico literário do jornal católico *As Novidades*, cujas opiniões a respeito das obras que lê se caracterizam por um severo espírito de justiça:

«O sr. César de Frias não é nenhum desconhecido no mundo das letras. Conquistou já um renome literário dos mais ilustres e é um jornalista de muito valor.»
«Temos de louvar incondicionalmente o seu último livro. Escrito em linguagem correctíssima, arejada de beleza e de graça, desenha com mestria o carácter das personagens em acção.» «Inculca no ânimo das crianças muitos conceitos sábios da vida, conhecimentos úteis e até belos sentimentos patrióticos.» «Obra de mestre e grande mestre, *O Pretinho de Angola*. Uma novela que as crianças hão-de apreciar muito e que honra o sr. César de Frias.»

Preço: Esc. 5\$00

A' venda na Filial do DIARIO DE NOTICIAS

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11

E EM TODAS AS LIVRARIAS

"Antes prevenir ou curar
que sofrer"

VICHY

reconhecidamente o melhor tratamento
para todas as doenças do fígado
e estomago e sofrimentos
semelhantes

Época: ABRIL-OUTUBRO

Numerosos hotéis de todas as
categorias — Casinos — Teatro —
Corridas de cavalos — Golf —
Tennis — Polo

Por varios médicos e em todos os grandes
hotéis é falado o português

Informações:

SYNDICAT D'INITIATIVE DE VICHY

NOVIDADE SENSACIONAL

Com o **PENTE ONDULADOR** transforme os seus
cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda
a vida, utilizando sempre o



PREÇO

15\$00

Duma maneira geral procede-se da seguinte forma: Lavam-se os cabelos e secam-se pouco; depois de desembaraçados com um pente apropriado (desembaraçador), pentear com a cabeça ainda húmida, com o **Pente Ondulador**, de forma que as ondas do pente sejam dirigidas para o exterior.
Fazer deslizar o pente através dos cabelos na posição indicada cerca de 10 a 15 vezes, e assim se obtém uma linda ondulação para sempre.



Exclusivo de venda: **Academia Scientifica de Beleza**

M. me **Campos** Avenida da Liberdade, 35
LISBOA



(LEGÍTIMO W. B. W. ALEMANHA)

Único hidrofugo garantido contra:

HUMIDADE, TORTULHO E SALITRE

Materiais especiais para construções e decorações

Importador exclusivo, J. BIELMAN, Sucr.

GALERIA DE PARIS, 42. — PORTO

Depositários em Lisboa: S. RAMOS LDA. — Rua Cais do Tojo, 71

PEÇAM CATALOGOS GRATIS

Revelação do Segredo da Influência Pessoal

MÉTODO SIMPLES QUE TÔDA A GENTE PODE EMPREGAR PARA DESENVOLVER AS FÔRÇAS DE MAGNETISMO PESSOAL, A MEMÓRIA, A CONCENTRAÇÃO E A FÔRÇA DE VONTADE, E PARA CORRIGIR OS HÁBITOS FERNICIOSOS POR MEIO DA MARAVILHOSA CIÊNCIA DE SUGESTÃO. LIVRO DE 80 PÁGINAS DESCREVENDO DETALHADAMENTE ESTE MÉTODO, ÚNICO, BEM COMO UM ESTUDO PSICO-ANALÍTICO DO CARÁCTER, MANDADOS GRATUITAMENTE A QUEM ESCREVER IMEDIATAMENTE.

«A maravilhosa força da Influência Pessoal, do Magnetismo, da Fascinação, do Controle do Espírito, denominem-na como quizerem, pode ser adquirida com segurança por qualquer pessoa, por poucos que sejam os seus atractivos pessoais ou por pequeno que tenha sido o seu successo na vida», diz o sr. Elmer E. Knowles, autor do novo livro intitulado «A Chave do Desenvolvimento das Fôrças Interiores». Este livro revela factos tão numerosos como extraordinários das práticas dos Yogis da Índia, e expõe um sistema único no seu género para o desenvolvimento do Magnetismo Pessoal, das Fôrças Hipnóticas e Telepáticas, da Memória, da Concentração, das Fôrças de Vontade e para a correcção dos maus hábitos por meio da maravilhosa sciência da Suggestão.



Sr. Arne Krogh

O Sr. Arne Krogh escreve: «A sua obra está cheia de verdades profundas e tão naturais que me não preocupavam antes de ser posto em face delas. Não me foram revelados novos pensamentos, mas sim os meus próprios. A minha intelligência e as minhas fôrças despertaram e ordenaram-se de tal maneira que posso agora tirar o melhor partido delias». Este livro, espalhado gratuitamente e em larga escala, é rico em reproduções fotográficas, demonstrando como estas fôrças invisíveis são utilizadas em todo o mundo, e como milhares de pessoas desenvolveram certas facilidades cuja posse estavam longe de supôr.

A distribuição gratuita de 10.000 exemplares foi confiada a uma grande Instituição de Bruxelas e um exemplar será remetido gratuitamente a quem fizer o respectivo pedido.

Além da distribuição graciosa do livro, será igualmente enviado a toda a gente que escrever imediatamente, um estudo do seu carácter. Este estudo, preparado pelo Prof. Knowles, contará 400 a 500 palavras. Se deseja, pois, receber um exemplar do livro do Prof. Knowles e o estudo do seu carácter, copie simplesmente com a sua própria mão as seguintes linhas:

«Quero o poder do espirito,
A força e o poder no meu olhar.
Queria ler o meu carácter
E mandar-me o seu livro.»

Escreva muito legivelmente o seu nome e endereço completo, (indicando Senhor ou Senhora), e dirija a sua carta à PSYCHOLOGY FOUNDATION, S. A. Distribuição gratuita, (Dept. 6045), Rua de Londres, N.º 18, Bruxelas, Bélgica. Se quizer, pode juntar à sua carta Esc. 2\$70 em selos do correio do seu país, para a despesa com a franquia, etc. Preste atenção a que a sua carta venha com o selo suficiente. A franquia para a Bélgica é 1\$25 Esc.

O genial romance
: : de guerra : :

Os grilhetas do Kaiser

por THEODORE PLIVIER

marinheiro alemão durante a Grande Guerra no Mar

Um brutal quadro realista que é a mais bela obra da literatura alemã dos nossos dias. A batalha da Jutlândia e os seus horrores, vistos por um marujo russo

Pedidos desde já à Livraria Bertrand

73, CHIADO, 75 — Lisboa

Passar o verão
no campo e estar
em contacto com
o mundo... é uma
possibilidade
de hoje



Emquanto a família repousa na casa da praia ou do campo, é agradável ter a certeza que em poucos minutos, se obtém a conversação com os entes adorados, fresco oasis na vossa vida de trabalho



A rede telefónica dos arredores de Lisboa aumenta dia a dia

SE SE INTERESSA PELOS SEUS DEVE TER UM TELEFONE SEMPRE ACOMPANHANDO A SUA VIDA

Escreva ou telefone para a Companhia e um empregado procurará V. Ex.^ª, facilitando-lhe todos os passos e atenuando-lhe todas as despesas

NADA A DESEMBOLSAR ANTECIPADAMENTE. A COMPANHIA TEM SOLUÇÕES PARA TODOS OS CASOS FINANCEIROS

DIRIGIR-SE À

The Anglo-Portuguese Telephone C.º L.º

ESCRITORIOS: Rua Nova da Trindade, 43 - LISBOA



BEBER SAUDE!...

É durante a época dos grandes calôres que as digestões se fazem com mais dificuldade. Previnam-se V. Exas. contra as enxaquecas, azia, dilatação do estomago, etc., tomando saes de fructa "Eno".

"Eno", é um pó efervescente, levemente laxative, que regularisa as funcções do estomago, do figado e dos intestinos. Adicionando-se-lhe um pouco de limão torna-se num refresco ideal, agradável e salutar.

Beber "Eno", é beber saude, é beber alegria! Sessenta annos de successo garantem a sua efficacia.

Uma colher, das de café, num copo de agua, pela manhã e á noite.



Eu quero

Assim exclamam os «nénés» quando vêem a Mayzena Duryea na mesa. A Mayz na Duryea provoca especialmente o appetit: das crianças. Sirva-a com frequencia. Fara com que os seus filhos cresçam robustos, saudaveis e vigorôsos.

Centeras de pratos deliciosos e appetitôsos se podem pr parar facil e economicamente com a Maizena Duryea.

Permita-nos enviar-lhe um exemplar gratis do nosso bonito livro de cozinha, que contem muitas e famosas receitas

Preencha e envie-nos este coupon»



MORTE aos MOSQUITOS

Pulverizai

FLIT

2

MAIZENA DURYEA

CARLOS DE SÁ PEREIRA, L. DA.—Rua dos Sapateiros, 115, 2.º—LISBOA

Queira enviar-me um exemplar gratis do seu livro de cozinha.

Nome

Morada

Lo calidad

“EVA”

- uma linda capa -

Uma elegante primeira página—Uma sensacional página central—Os mais lindos dos figurinos

Primorosa colaboração literária:

Artigos, Crônicas, Crítica literária, Conselhos e alvitres, Culindria



Os poços mortiferos!
As imitações!

Desconfiae da água dos poços e das imitações.

Use apenas os

LITHINÉS. Dr GUSTIN

que vos darão uma água deliciosa, pura ou com vinho. Soberanos contra afecções do **fígado, estomago e beziga**. Desconfiae das imitações e exigí a marca do **Dr. Gustin**, á venda nas Farmacias.

Demasiado tempo na agua



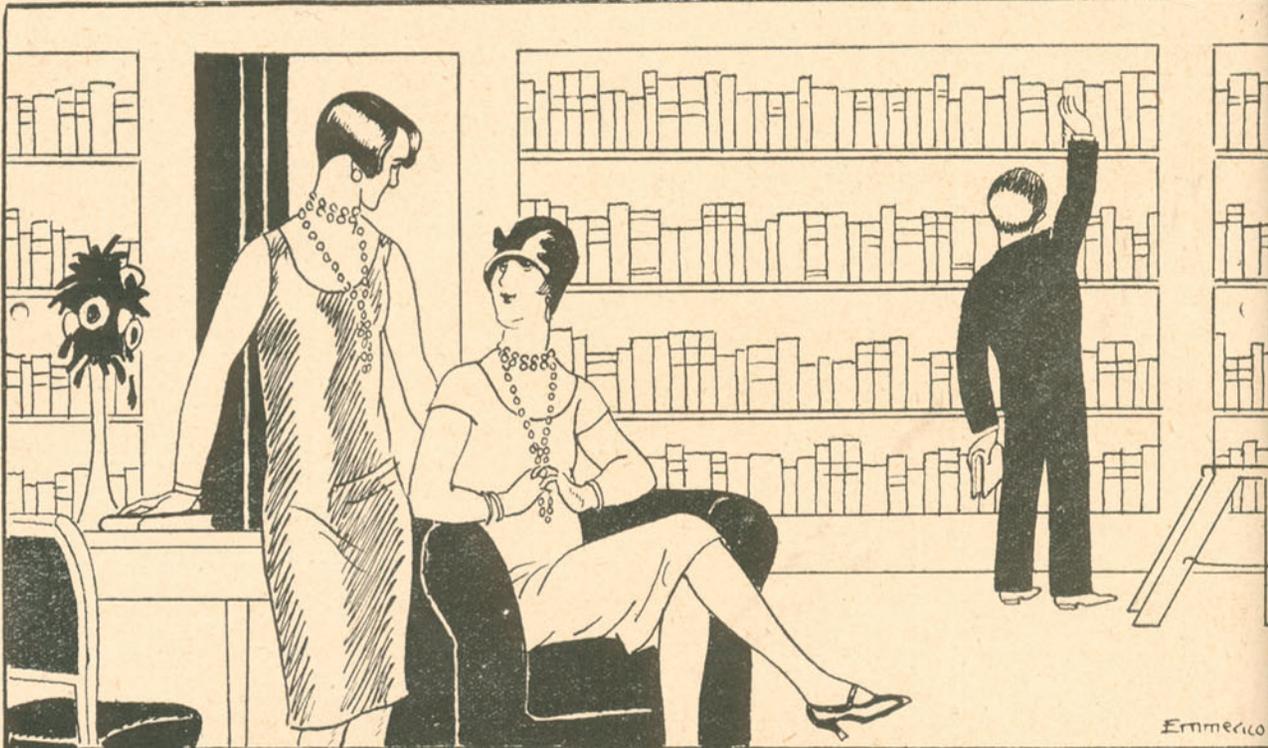
e ao sahir sente V. Exa. calefrios, dôres de cabeça e mae estar. Tome imediatamente

CAFIASPIRINA

pois este admiravel analgesico é o melhor companheiro dos desportistas que estão expostos a constantes esforços, ao calor e a mudanças de temperatura. A Cafiaspirina alivia rapidamente as dôres, restabelece a circulação sanguinea, tranquilisa os nervos e levanta as forças, sem afectar o coração nem os rins.

Tome, pois, Cafiaspirina.

Não afecta o coração nem os rins.



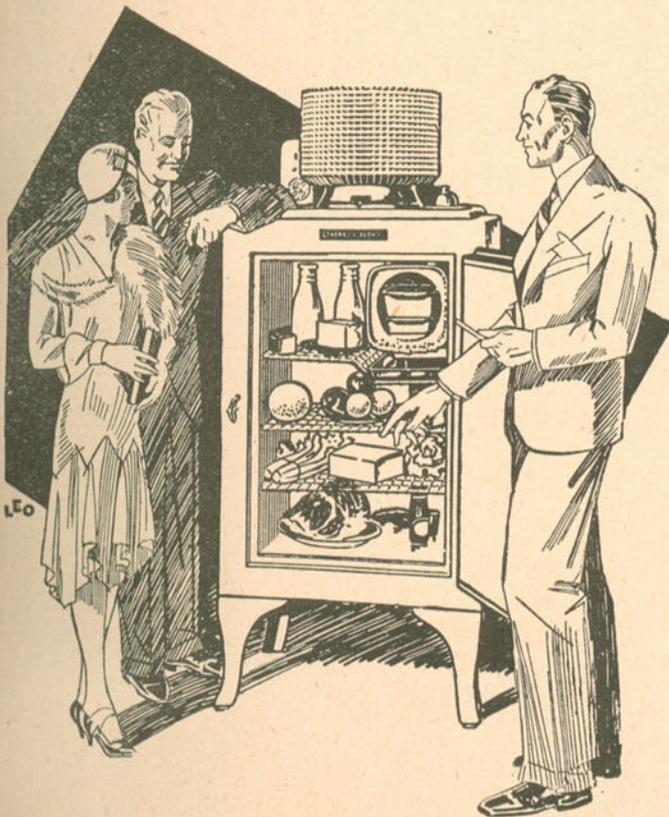
Ermeico

—«De todos estes livros que teu marido tem na Biblioteca, que lêz tu de preferencia?»
—«O Magazine Bertrand!»

GENERAL  ELECTRIC

Refrigerator

A despensa higienica ideal



**Mecanismo simplificado e silencioso
consumindo muito pouca corrente**

A sua grande simplicidade é o resultado de 15 anos de investigações e estudos nos laboratórios de electricidade da

GENERAL ELECTRIC Co.

de Schenectady, New-York (U. S. A.), que, sem dúvida, são os maiores do mundo

Todo o mecanismo está encerrado num envólucro de aço hermêticamente fechado ao abrigo de poeiras e de choques

Não há correias de transmissão nem empanques por onde se escape o gás — **Nunca precisa de ser lubrificado**

A marca

GENERAL ELECTRIC



é a melhor garantia de boa qualidade dum aparelho eléctrico

O Refrigerador GENERAL ELECTRIC REFRIGERATOR é **uma despensa ideal**. Nêle se conservam muito tempo, em perfeito estado, tôda a espécie de alimentos, como leite, ovos, frutas, hortaliças, manteiga, queijos, carne e peixe

Além disso, **produz gelo** e podem-se fazer esplêndidas sobremesas geladas, saladas de frutas, sorvetes, etc.

Scientificamente está demonstrado, que a temperatura de 10° C. **é o limite** além do qual não se deve passar para que os alimentos se não estraguem

Nos GENERAL ELECTRIC REFRIGERATOR mantém-se **automáticamente** uma baixa temperatura uniforme (compreendida entre 2 e 9° C.)

Proteja a saude de sua familia instalando em sua casa um

General Electric Refrigerator

— Concessionario geral para Portugal e Colonias —

Sociedade Iberica de Construções Electricas, L.^{da}

Praça Luiz de Camões, 36, 2.º, Dt.º — LISBOA — Telef. 2 5347



Indanthren

**Em que se reconhece o artigo
Indanthren?**

Certamente V. Exa. já reparou que certos tecidos, especialmente os de padrões bonitos e modernos, de algodão, seda artificial e linho, têm uma pequena etiqueta com a marca aqui reproduzida. Estes tecidos são de côres INDANTHREN, o que quer dizer que as côres são de uma

**solidez inexcédida
à lavagem, ao sol e às intempéries.**

Comprando tecidos com esta marca V. Exa. pode ter a certeza de que as côres nunca largam, nem desbotam, desde que se lhes dê um tratamento razoavel. Sempre que um artigo de algodão, seda artificial ou linho tenha a acreditada marca INDANTHREN, fica V. Exa. sabendo que as suas côres são de maxima solidez. Esta marca só pode ser aplicada em tecidos e fios que tenham sido tingidos ou estampados com os conhecidos côrantes Indanthren. Todo o abuso desta etiqueta será perseguido.

Faça o favor de perguntar ao seu fornecedor; êle lhe confirmará que não há melhor.

ILUS TRA ÇÃO

Ano VI ————— N.º 134

15 de Julho de 1931

Director-Delegado: José Carlos da Silva
Director: João de Sousa Fonseca ..
Editor: Francisco Amaro

.. . . . Redacção: RUA ANCHIETA, 77, 1.º —
Telef. 2 0535 .. . Composição e impressão:
RUA DA ALEGRIA, 30 — Telef. 2 0537 .. .
Assinaturas e Administração: RUA DO DIÁRIO
DE NOTÍCIAS, 78 — Telef. 2 3132 .. . Publi-
cidade: RUA ANCHIETA, 25 — Telef. 2 0535 .. .
Propriedade e edição de Aillaud, Ltd.ª e Em-
presa Nacional de Publicidade — LISBOA.



DR. JOÃO ALBINO DE SOUSA RODRIGUES

Governador do Crédito Predial e uma das figuras de maior prestígio da sociedade portuguesa, falecido em 10 do corrente. A um tempo, homem de estudo, que uma sólida e vasta cultura valorizara no trato dos problemas económicos mais profundos, e homem de acção, que aliava aos primores de um nobilíssimo carácter excepcionais faculdades de energia e de trabalho — o dr. Sousa Rodrigues deixa um lugar difícil de preencher. Tendo sucedido a José Luciano no governo do Crédito Predial, em Agosto de 1910, dedicou-se com tal senso e energia à obra de ressurreição da Companhia, que dentro em pouco a tornava um dos mais sólidos e prestigiosos estabelecimentos de crédito do país.

ROS NOSSOS LEITORES E ASSINANTES

«Ilustração», que se orgulha de ser uma revista portuguesa e uma revista do nosso tempo, não podia ficar indiferente a certa inquietação que domina as artes gráficas europeias e de que vamos tentar ser um reflexo. Dentro de pouco tempo, mal chegue a Lisboa o papel encomendado especialmente para esse fim, «Ilustração» completamente remodelada, vestida à época, entrará numa nova fase, numa vida nova, que vai colocá-la ao lado das melhores revistas do género, das revistas que rasgam horizontes, que registam os acontecimentos e que chegam a criar, às vezes, os próprios acontecimentos. Nós desejamos que o leitor, ao folhear um número da nova série da «Ilustração», receba uma sensação igual à que recebe o espectador de cinema diante dum documentário, dum bom documentário. «Ilustração» quer ser e vai ser o documentário da quinzena, não apenas o documentário dos factos mas também o documentário das ideias

e das sensações que encontrem imagens para as exprimir. «Ilustração» passará a publicar reportagens sensacionais e vivas, pinceladas rápidas e expressivas da vida lá de fora, algumas páginas iluminadas com tricromias, colaborações assíduas dos nossos melhores escritores e artistas, secções de crítica literária, teatral e artística, assinadas por nomes de prestígio que oferecem tôdas as garantias de competência absoluta e de independência desassombrada. O director desta nova série da «Ilustração», que vai enriquecer a vida portuguesa, será António Ferro, cuja cultura moderna, cujas grandes reportagens internacionais, lhe deram a visão exacta do que deve ser uma revista de 1931, uma revista para ser vista e lida por olhos de 1931. O seu nome é a melhor garantia de que «Ilustração» vai acompanhar o ritmo do nosso tempo e de que se vai juntar à mancha brilhante dos grandes «magazines» franceses, alemães e americanos.

ILUSTRAÇÃO



Manuel Teixeira Gomes, o requintado artista de «Agosto azul»

BREVEMENTE entrará esta revista numa nova fase, longa e proficientemente preparada, tendente a torná-la uma grande revista de arte, a par do melhor que se faz na Europa. Assim, sob a direcção de António Ferro, aparecerá a nossa revista toda impressa em soberbo papel *couché* italiano, colaborada pelos maiores nomes das nossas letras e com um novo aspecto gráfico, no qual se destacam as multiplas páginas impressas em côres e com soberbas reproduções em tricromia. Corroborando, assim, ao favor do público, espera *Ilustração* continuar a merecê-lo em absoluto. Apesar do enorme esforço e dispêndio que representa a nova fase da *Ilustração*, esta verá o seu preço aumentado apenas para 5 escudos.

Nesta página e na seguinte arquivamos os retratos de alguns dos nossos principais colaboradores.



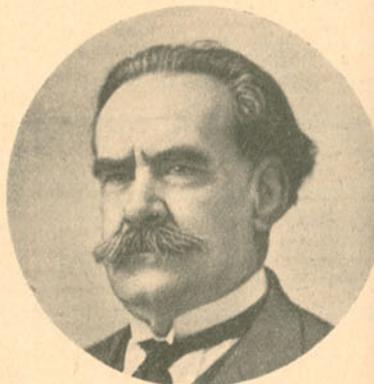
Dr. Júlio Dantas, insigne presidente da Academia das Ciências



Dr. Agostinho de Campos, ensaista e crítico notabilíssimo



Fernanda de Castro, a poetisa notável, brilhante espírito que dirigirá a Secção Feminina de «Ilustração»



Dr. Brito Camacho, mestre do jornalismo e da novela sarcástica



Dr. Samuel Maia, mestre do teatro e do romance



Ferreira de Castro, jornalista vigoroso, o romancista de «Emigrantes»



Antero de Figueiredo, o glorioso autor de «D. Pedro e D. Inês»



Dr. Alberto de Oliveira, ilustre diplomata e poeta delicadíssimo



Aquilino Ribeiro, o mestre magnifico de «Via Sinuosa», «Terras do Demo», e «Andam faunos pelos bosques»



Dr. José de Figueiredo, prestigioso crítico, director do Museu de Arte Antiga



A ESQUERDA — O insigne escultor Diogo de Macedo, um dos grandes valores das modernas gerações artísticas em Portugal, escritor de arte brilhante e futuro colaborador



A DIREITA — António Ferro, o revolucionador do jornalismo em Portugal, insigne cronista, crítico e novelista de renome europeu, que vai tomar, a partir do próximo número, a direcção literária e artística da «Ilustração», numa nova fase de grande brilho e luxo editorial, que será um novo triunfo para o notável artista e homem de letras

(Foto Brasil)



A ESQUERDA — André Salmon, grande cultura europeia, nome dos mais brilhantes nas Letras francesas, cuja colaboração soberba honrará as páginas da nossa revista



A DIREITA — O architecto Jorge Segurado, um dos grandes valores entre os «novos» de Portugal, artista em toda a alta acceção do termo e que, na nova fase da nossa revista terá colaboração notável



A ESQUERDA — João de Sousa Fonseca, o prestigioso e culto jornalista, que durante quatro anos foi o animador da nossa revista como seu director e que os seus afazeres de «reporter» internacional obrigam a resignar áquelas funções, continuando, porém, a ser nosso assíduo colaborador

(Foto Walken — Madrid)



A DIREITA — Cristóvão Ayres, um dos mais notáveis e autorizados nomes do jornalismo português, que dará, na «Ilustração», toda a medida dos seus méritos



PELO MUNDO FÓRA

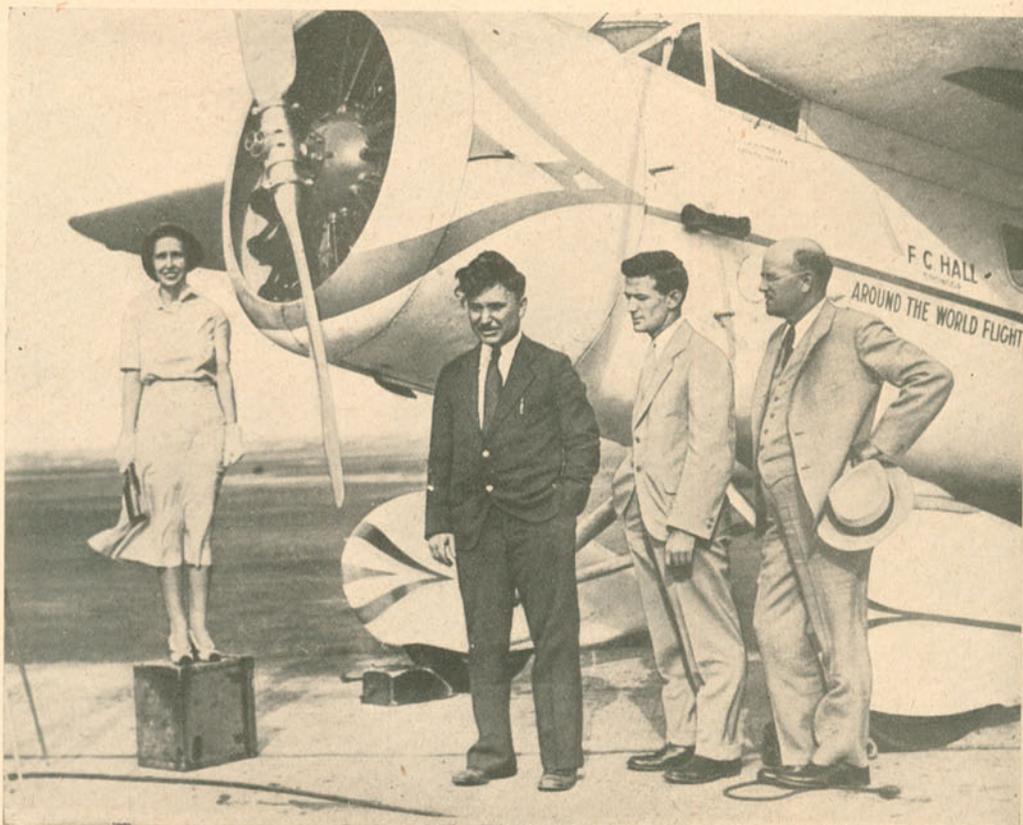


Wilkins, o grande explorador polar, que tentava atingir o Polo Norte no seu submarino «Nautilus», foi obrigado a desistir, temporariamente, do formidável empreendimento, por avaria grave no seu barco. A nossa foto mostra o heroico navegante ao regressar à base de operações, com um sorriso que deixa a certeza que dele se não apoderou o desânimo

(Foto Orrios)

O célebre *poney* «Kileride», montado pelo seu proprietário A. Fachiri, antes da partida para a América, para onde foi vendido por muitos milhares de dollars, pois é considerado o melhor cavalo de corridas do Reino Unido, saído das coudelarias reais inglesas

(Foto Orrios)



A DIREITA — Willey Post e Harold Gatty, os dois grandes aviadores ingleses, deram a volta ao mundo no mais curto espaço de tempo até hoje empregado, pouco mais de 9 dias. Ei-los à chegada à América, com F. C. Hall, o magnate dos óleos de Oklohoma, que subsidiou a viagem e a filha deste, madrinha do avião

(Foto Orrios)

DESPORTOS

As corridas de automoveis do Campo Grande

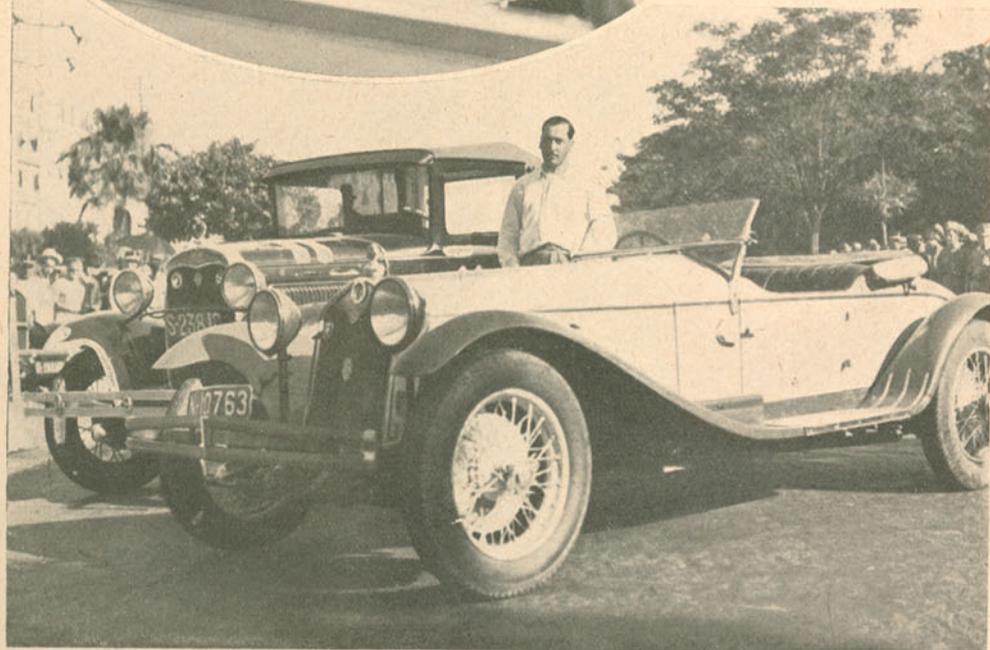


No oval de cima — Gaspar Samciro, vencedor da categoria «sports», recebendo as felicitações do sr. general Carmona e membros do govêrno

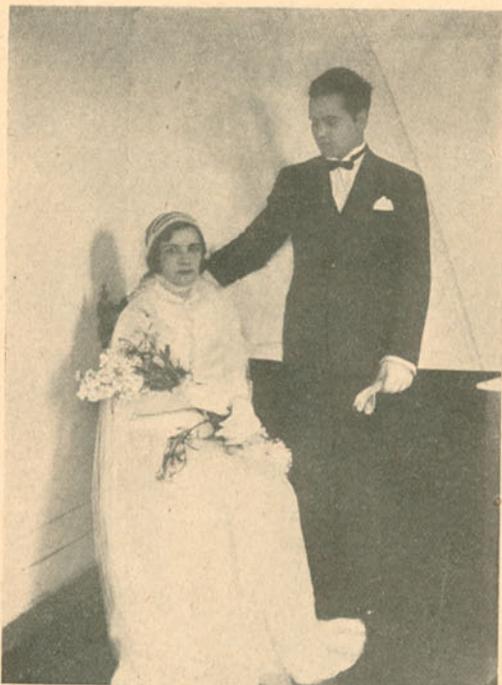
(Fotos Hordácio de Novais)

EM CIMA — Um soberbo aspecto da improvisada pista do Campo Grande, quando da partida dos carros de turismo que disputaram a prova «sports», durante uma hora, em circuito fechado

No oval do meio — Corina Freire e Luísa Satanela, duas elegantes «estrelas» do nosso teatro ligeiro, disputando o Concurso de Elegância



À DIREITA — Roberto Samciro, o grande desportista portuense, segundo na prova de «sports», junto do «Alfa Romeo» em que seu irmão Vasco ganhou a categoria de «corridas» e em que outro irmão seu, Gaspar, ganhou também, brilhantemente, a categoria «sports»



No dia 26 de Abril realizou-se, na igreja de S. José, o casamento da sr.^a D. Violante Franco Reis, gentil filha da sr.^a D. Patrónilha Franco dos Reis e do sr. António Reis, já falecido, com o sr. Eduardo Gomes, filho da sr.^a D. Maria Gomes e do sr. António Gomes. Parainfaram o acto a sr.^a D. Rita Pereira da Costa e seu marido o sr. José Gomes da Costa, primos do noivo, e por parte do noivo a sr.^a D. Josefa Gomes dos Santos e o sr. Rogério Gomes Lopes. Na elegante residência dos padrinhos da noiva foi servido um finíssimo lanche, seguindo os noivos em viagem de núpcias por Sintra e Estoril. Na «corbeille» da noiva viam-se muitas e artísticas prendas



O INDULTADO DE MASSACHUSETTS

Pitta Soares, o desditoso português que uma tara passional levou ao crime condenado à morte na América, foi, finalmente, indultado a pedido de Portugal em péso. Publicamos o retrato do infeliz compatriota, nesta hora em que sua mãe, velhinha, chora as primeiras lágrimas de esperança e gratidão

(Foto H. de Novais)



ALVARO MARTINS

O nosso saudável companheiro de trabalho, dedicado e proficiente *reporter-fotográfico* da nossa revista em Porto e cujo falecimento inesperado causou profundo pesar entre amigos e camaradas de todo o país

(Foto Platão Mendes)

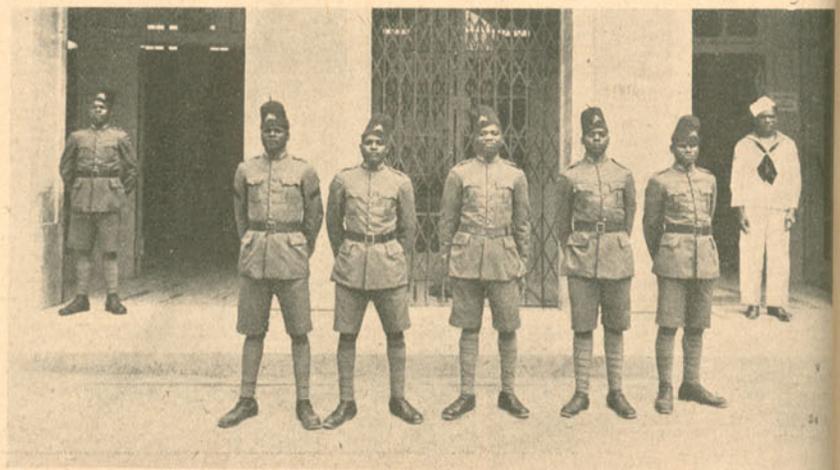
DOUGLAS FAIRBANKS NO EGITO

O ídolo cinematográfico do mundo inteiro, o eternamente jovem Douglas Fairbanks, percorre, actualmente, todos os países do mundo, numa viagem triunfal, pois que mundial é a sua fama artística. A nossa foto representa-o, no Cairo, de «fz» na cabeça, tendo à sua direita o actor de cinema egípcio Pedro Luna e à esquerda o director de um dos grandes cinemas da capital egípcia

(Foto Orrios)

OS LANDINS NA EXPOSIÇÃO COLONIAL

A nossa foto, inédita, representa o grupo de negros portugueses na Exposição Colonial de Paris, magestoso certamente, a cuja representação portuguesa dedicaremos, num dos próximos números, grandes páginas coloridas e inéditas



ARTUR BRANDÃO



Em viagem de estudo do intercâmbio livreiro e publicitário entre Portugal e Brasil, partiu para o Rio de Janeiro, acompanhado de sua ex.^{ma} esposa, este nosso amigo e gerente da Livraria Bertrand, que foi despedido, a bordo, como a nossa foto mostra, por muitas individualidades marcantes nos meios literários, artísticos e financeiros. Artur Brandão vai também dirigir o lançamento da nova fase de *Ilustração*, a iniciar brevemente

(Foto Horácio de Novais)



NO PORTO



Festas Elegantes da Semana da Tuberculose



EM CIMA — Um grupo de senhoras que tomaram parte nos festejos do Parque do Bessa, a favor dos tuberculosos

(Foto P. M.)



NO OVAL — Um «sacampamento de ciganas» no Parque do Bessa, grupo de senhoras que tomaram parte nos festejos a favor dos tuberculosos

(Foto Platão Mendes)



A DIREITA — Um grupo de crianças que tomaram parte em um sarau a favor do Hospital de Santa Maria

VEJAM...

**o desporto
nautico no**

PORTO

A ESQUERDA — O comandante da 1.ª Região, representante do ministro da Marinha, comandante da capitania de Leixões, comandante da *Mandora*, etc., a bordo do barco, donde assistiram às regatas

(Foto Platão Mendes)

EM BAIXO — Um aspecto da principal prova das regatas — a de seniores a 4 remos

(Foto Platão Mendes)



**UM GRANDE TEATRO
MODERNO EM LISBOA**

No recinto de diversões conhecido de todos por «Parque Mayer» acaba uma empresa arrojada de inaugurar um novo grande teatro, o «Capitôlio», que é uma bela manifestação de modernismo que honra o architecto Cristiano da Silva e os seus construtores. A nova casa de espectáculos, a mais «à la page»

da península, obteve um caloroso acolhimento do público. Na terração do Capitôlio, que domina o «Parque Mayer», onde foi tirada a fotografia que publicamos realizou-se um «Porto de honras» oferecido à imprensa pelos proprietários do novo teatro, tendo-se trocado afectuosos brindes.

(Foto Horácio de Nozais)



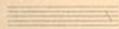


ADOLPH MENZEL
RETRATO DE FRÄULEIN ARNOLD
(NATIONAL GALLERIE-BERLIM)

CANTANDO E BAILANDO AO SOL



A DIREITA — MÃE E FILHO. QUE NOVA CONCEPÇÃO, SUPERIORMENTE BELA, DA MATERNIDADE! MÃE SAUDÁVEL, ALEGRE, MOÇA, FILHO SAUDÁVEL, GENTIL, CHEIO DE GRACIOSIDADE...



EM BAIXO — OS DOMINGOS, NAS PRAIAS DA ALEMANHA, SÃO ANIMADÍSSIMOS. EIS UM GRUPO DE BAILARINAS DE UM DOS MAIORES TEATROS DE BERLIM, APROVEITANDO O «SANS-GÊNE» DA PRAIA PARA UM ENSAIO DE CONJUNTO BEM AGRAVÁVEL DE SE VÊR

(Fotos Orrios)

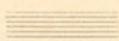




PELAS — PRAIAS DO ——— MUNDO

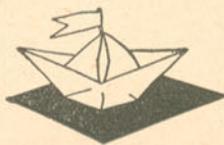


À ESQUERDA — O «ÁGUA-PLANO» É O DESPORTO DA MODA. AQUI TEMOS TRÊS DESPORTISTAS AMERICANOS, «MISS» JOSEPHINE LAMBERTIE, MARTIN GURKO (À DIREITA) E HAROLD CARE, QUE, EM VIRGINIA BEACH, REALIZARAM A PROEZA DE CONSERVAR ESTA «PIRÂMIDE» A 40 MILHAS À HORA, DURANTE UMA HORA!...

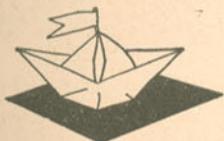


EM BAIXO — NA CALIFÓRNIA TAMBÉM HÁ UMA VENEZA (VENICE), QUE É UMA DAS PRAIAS MAIS ALEGRES DO MUNDO. VEJAM ESTE RANCHO DE JOVIAIS NAIADES, FOLGANDO NO INTERVALO DOS SEUS ESTUDOS DE DANSA RÍTMICA

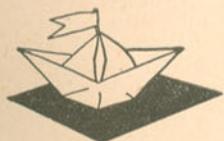
(Fotos Orrios)



A DIREITA — A HARMONIA MAGNÍFICA DO MERGULHO EXECUTADO POR UM NADADOR ATLETÁ... VEJAM A NOSSA BELA FOTOGRAFIA. QUE FORMOSA LINHA E QUE CORRECÇÃO DESPORTIVA...

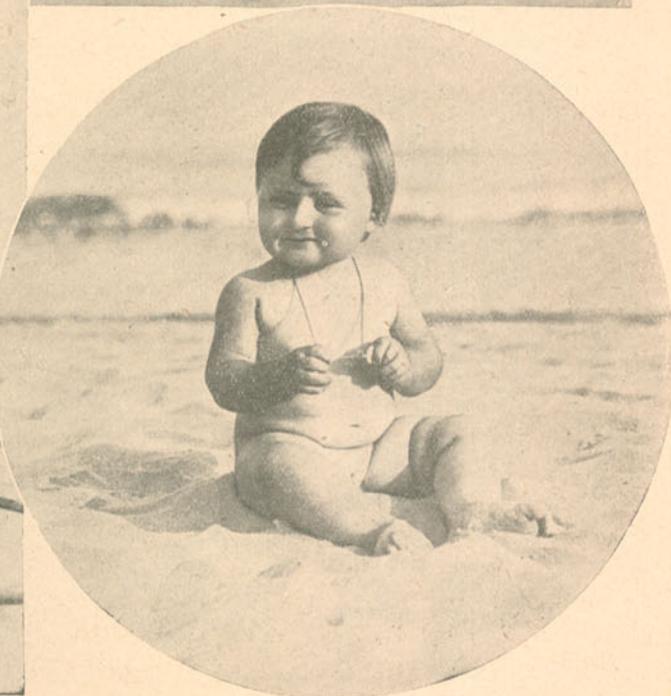


EM BAIXO — «Miss» INÊS SHUMARD, FOTOGRAFADA AQUI COM UMA PORÇÃO DE PEIXES DE RAÇAS DESCONHECIDAS, É A DETENTORA DO TÍTULO DE CAMPEÃO DE PESCADORES EM LONG BEACH, CALIFÓRNIA. PESCOU 46 PEIXES NUMA HORA...



NO MEDALHÃO — SOB O CÉU DE ITÁLIA. INDIFERENTE ÀS PUGNAS FÁSCIO-PONTIFÍCIAS, ESTE «BAMBINO» GOSA O SOL E A BRISA DE ALASSIO

(Fotos Orrios)



TEATRALEA

HOLLYWOOD, capital das imagens, como lhe chama António Ferro, escritor e jornalista de boa garra, com um nome já feito que deixamos aos vindouros como herança valiosa da super-inteligência da nossa época;—Hollywood,—que eu antes,—com o devido respeito pelos outros noviços cultos,—julgo o grande manicómio da Arte subjugadora do decadente teatro, vem dando motivo a que nos aprestemos à jornada-romeira, muito mais proveitosa para os nossos dessorados corpos, do que é doentio fazer-se às várias Lourdes e Fátimas da fatigada religião que traz hesitantes dois grandes bispos portugueses, estiliza num supremo esforço a cidade dos papas.—E não me julgueis caminheiro da intolerância;—podeis sem receio ao pé de mim, rezar até vir a mulher da fava! O que tenho, é procurado o mais possível, sanear a alma e o corpo, livrando-me de todas as lepras queimadas pelos imensos...

Escrevo talvez um pouco tocado pelas rebeledias que tem formado o ambiente social da hora que passa,—má horinha, Senhor Deus!—mas escrevo sinceramente, e sem

o vírus político que tanto tem amarfanhado a colectividade, anestesiando-a num indiferentismo que apavora. Assim, trago para o relato das minhas escaramuças de *panfletisco*, a manciara revisteira de publicista gramatizado pelo estilo da consciência, fazendo passar pelo *écran* das realidades, os frisos da actualidade.

O triste pé *descalço*, que poucos dias teve de calçado,—a *mendicidade*, autêntica instituição nacional que reputo a variola alfacinha,—o trânsito da Baixa, escola de toureiro para o transeunte,—o trágico esquiço dos silenciosos da Penitenciária, vergonha do insensato e deshumano critério da nossa democracia, e toda a mesclada miséria enfim, desta Ulisselândia despreocupada.

Onde estão os portugueses então, e toda a brandura avoenga dos seus costumes?

Na Câmara Municipal, *afiche* da ditadura,—a arrumar os alindamentos da cidade maravilhosa. O resto, politicamente, fica no benéfico gesto do sr. ministro das Finanças indo ao encontro salvador dos desaires sofridos pelos distintos artistas Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro. Bem haja o



Carlos Leal, visto pelo nível caricaturista «Zémarques»



Carlos Leal sorrindo para um dos seus mais aplaudidos compères



sr. Oliveira Salazar. Assim a sua acção podesse ampliar-se até ao seio do abandonado Grémio pomposamente subtítulo Sindicato, numa irritante mentira. Grémio que nada mais produz do que o labór burocrático da secretaria pobrinha e vexada aos olhos brilhantes da Sociedade dos Autores e Compositores Teatrais, que tem vida e movimentos fáceis. O Teatro em Portugal, está sobrecarregadíssimo de impostos. A profissão de empresário, é a profissão da ruína,—a de artista, é a da miséria camuflada pelos alfaiates e merceiros em conta aberta. Se decretarem a prisão por dívidas,—em dois tempos a tabela dos ensaios é colocada no Limoeiro!

E entretanto,—vem demonstrando-se que a crise teatral, é coisa que se vai debelando vertiginosamente, desde que, quem tem valor ou pelo menos aptidão, está empregado. Crise sim, de valores e produtores,—crise de administração, crise de... abundância para colocar os que não existem, porque não chegam os que há, e poucos são, e nenhum aparecem para amanhã substituir os que estão!—Crise, com óptima frequência de público aos últimos sucessivos êxitos de *A Volta*, *A conspiradora*, o *Zaz-Traz-Paz*, *Viva o Jazz*, e o *Ai lá?!*—Crise de público, com as lotações do São Luís, esgotadas para vêr *A Severa*—o já famoso filme que faz triunfar a pujante mocidade de Leitão de Barros, valendo-lhe um banquete para repostar às arranhadelas de uma parte da crítica. E o sonoro, continuarei a afirmá-lo,—é a morte implacável do cinema. O agonizante teatro declamado, reanima-se com os balões de oxigénio de Virgínia Vitorino e Ramada Curto,—e a revista, género sempre predi-

lecto do público,—e que toma proporções exuberantes de renovação, mercê da centelha animadora do Lopo Laquer, o empresário da moda, que reuniu na sua *boite*—como num *stand* de encantamentos femenis, a melhor organização revisteira,—a revista, toma o trespasse de Raúl de Carvalho, Gil Ferreira, Assis Pacheco, e aguarda rubra de ansiedade, o regresso definitivo de Erico Braga e Joaquim Almada. E triunfa ainda a revista, com Francis e as suas applicadas *girls* lusas, uma obra espirituosíssima, rubricada por três grandes nomes de teatro, a defendem os interesses de uma estrangeira indezível e seu *partenaire*. É este o momento teatral—incluindo a *débauche* do honesto empresário Artur Emauz, que se deixou resvalar pelo barranco, por não ter obedecido ao sinalheiro... e a escaramuça em organização para o Coliseu dos Recreios, e que poderá ser um caso sério, se mestre Covões se decidir a sacudir-se da rotina.

Como é então possível, com esta *crise teatral*, em que ainda se aprestam várias realizações para a presente estação calmosa, e para a invernia já se firmam sólidos contratos,—irmos de romagem até ao sanatório dos loucos da Arte em Hollywood?

Este Portugal—pequeno—enorme na História, que de tudo possui um pouco, tam-

bém tem o seu Hollywood no Nicola, no Comercial, na Favorita, do Parque onde se construiu mais um aleijadíssimo teatro, em cujo palco de acanhadas dimensões e sem o menor laivo de técnica,—jamais se poderá representar uma revista, ou qualquer outro espectáculo de movimento;—e finalmente na *Leitaria Chic* que é a agência geral do nosso salão Hollywood, temos os realizadores-máximos da destruição dos caracteres. O teatro porém, tende a revigorar-se,—porquanto as feridas causadas ao mesmo pelo impicante e rouquenho sistema sonoro,—vão sarando, devendo agora incidir a luta à T. S. F. numa guerra tenaz contra a cúpula das antenas, que além de reter nos lares o público que falta nos teatros,—deve ser pelo seu excesso de electrificação atmosférica, o germen das mortes súbitas e outros males de que vem sofrendo a humanidade. Batalha sem tréguas a esta maravilha do progresso!...

Eis a crise, eis as razões de momento, que envolvem o nosso desmantelado teatro, o nosso glorioso teatro que é todo uma legenda doirada de triunfos.

Para mim, arlequim máximo do labor sem etapas e sem pé de meia,—uma crise só se apresenta,—a do repouso; e não vendo maneira de me chegar a possibilidade de uma



Carlos Leal no «António» da opereta «O quebra-bilhas»



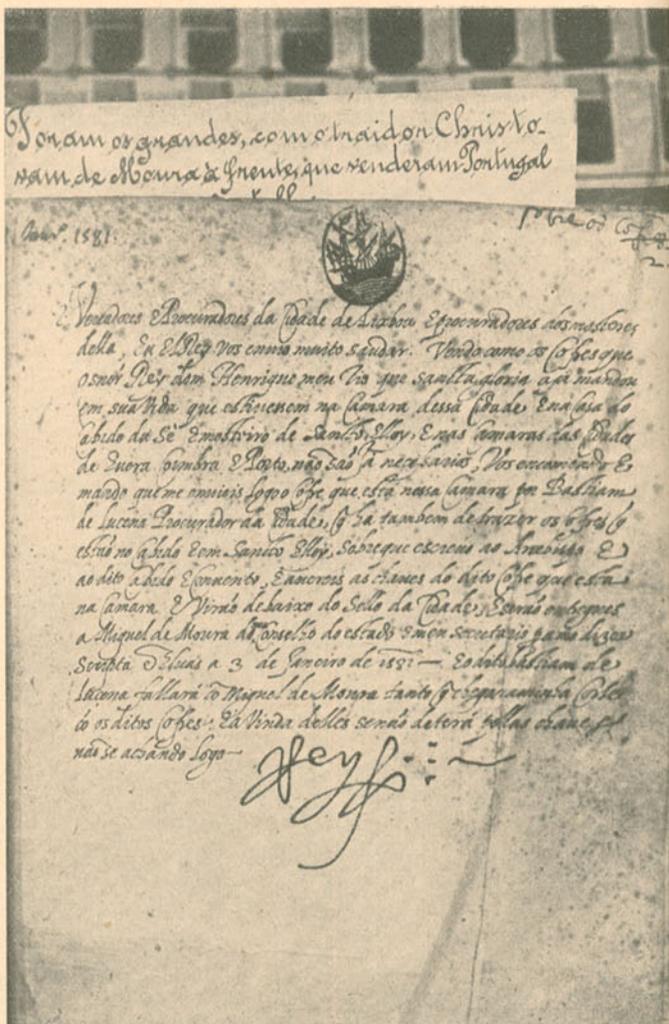
Carlos Leal no «Cardinal Ximenes» de A Felicidade, de Sardou

semanita sequer de descanso ao amolecido corpo de *compère* permanente,—uma solução me ocorre:—chegar ao Rossio à hora do grande movimento e gritar a fundos pulmões, um grito subversivo, um daqueles *morras* atoardores contra os vivos dos que todo *lo mandam!* Assim, convencido estarei do prémio policial de alguns dias no Palácio do Conde de Andeiro, ou de um estágio de banhos de sol,—na Costa do dito, no grande hotel da Torre de S. Julião da Barra. Isto, se os magnates da ordem não preferirem oferecer uma travessia atlântica.

Para João de Sousa Fonseca, *gentleman* da minha afeição, o meu melhor saúdar nesta hora da sua partida,—ido das canseiras inglórias do seu labor intenso, tóda uma probidade intelectual em bem servir a *Ilustração*. É-me saudável recordá-lo, e seria deselegante não o registar no correr o velário d'este meu epílogo de colaborador modesto da sua pessoa amiga e inesquecível.

UMA HORA NO ARQUIVO DA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Prerogativas da Nação — Os procuradores do povo — Em tórno de D. Nuno Álvares Pereira — O povo e a dominação filipina — A Câmara e o ensino primário no século XVI — Pombal e os judeus — As pestes — A casa dos Vinte e Quatro e os Távoras — Libertação de escravos — O processo dos jesuítas



Carta de El-Rei D. Felipe I, de Portugal (1581), dirigida ao Senado da Câmara, onde se pede a remessa para Madrid, por intermédio de Bastião de Lucena, Procurador da cidade, do cofre que contém o processo de successão, motivado por morte de El-Rei D. Henrique

A CARO de viver uma hora magnífica, plena de grandiosas evocações, no rez-do-chão do edifício da Câmara Municipal de Lisboa.

Numa vasta sala abobadada, guarnecida em todo o seu perímetro por duas ordens de armários sobrepostos, em carvalho, de perfeita execução e fino gôsto, formando dois

pisos, e mergulhada numa luz de claustro, está instalado o Arquivo da cidade de Lisboa.

Neste precioso tesouro, em que figura: o espólio da Casa dos Vinte e Quatro; as Cartas de doações à cidade; o Códice de forais; o Tombo da cidade; a Chancelaria; os Livros de consultas, Sentenças e Decretos, porque a Câmara, até D. Miguel, funcionava como tribunal; os Termos e Assentos; os Editais e posturas, tóda esta vasta documentação guarda oito séculos da nossa história!

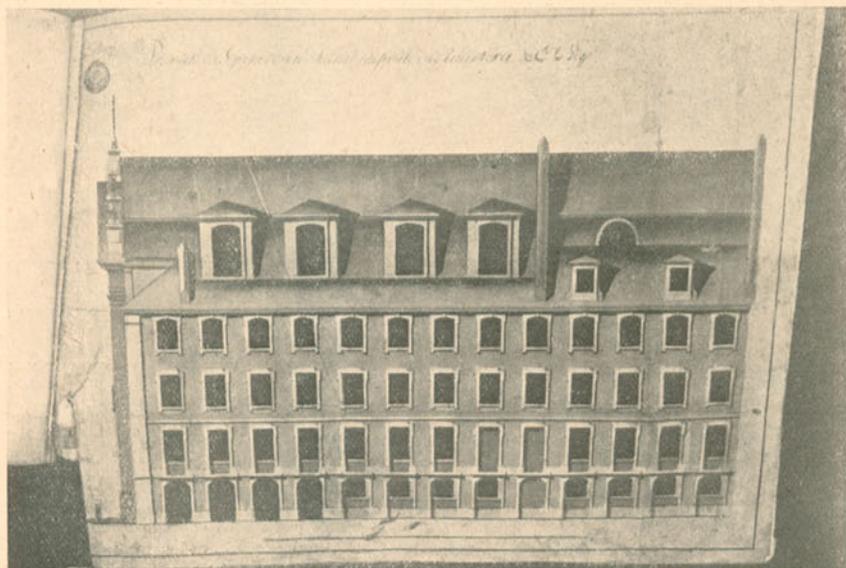
Entre os seus mais antigos e valiosos manuscritos e diplomas diversos, conta-se o «Foral de Lisboa», com as armas da cidade em magnífica iluminação.

Pelos documentos mais antigos da Câmara (1211), se vê que a Câmara de Lisboa se administrativa por leis especiais.

Os seus privilégios eram tão grandes e tão respeitadas que as leis gerais estatuidas nas côrtes de Coimbra, para todo o país, não alteravam os regimentos da vereação de Lisboa.

A Câmara possuía o exclusivo do governo e administração do povo da cidade e seu termo que abrangia aproximadamente uma zona de 33 quilómetros de razo, na sua maior largura, fora da cidade.

Viajemos um pouco, leitor, como eu o fiz, ao longo desta vastíssima documentação.



Projecto da igreja de S. Julião, na frente da rua Nova de El-Rei, com a assinatura autógrafa do Conde de Oeiras, ministro de D. José

Façamo-lo como *touristes*. De outra forma, só uma geração trabalhadora e cheia de fé poderia realizar a obra a que obriga a contemplação de tanta riqueza histórica inerte, para a vida do espírito de uma época tão frívola, tão desorientada.

Nos livros de Contractos, Sentenças e Contas da cidade, encontraremos um pormenor curioso sobre uma das mais robustas individualidades da nossa história: D. Nuno Álvares Pereira.

D. João I havia prometido à cidade grande número de doações.

Não se sabe como, o certo é que as mesmas doações aparecem prometidas a D. Nuno Álvares Pereira!

É curioso verificar, neste interessante processo, a reclamação de D. Nuno Álvares Pereira, exigindo a sua recompensa depois das batalhas.

Entre os documentos mais antigos, guardados neste precioso arquivo, figura o «Breve do Papa Urbano VI, de 2 de Novembro do ano de 1385».

Por esse «Breve» são absolvidos os cidadãos de Lisboa, João da Veiga, Silvestre Esteves, Estêvão Afonso e seus sequazes da excomunhão e outras penas e sentenças, em que haviam incorrido, porque, incendiados em zelo e devoção mataram aos scismáticos Martinho, Bispo que foi do Algarve, e a Gonçalo Vaz, prior que foi da igreja de Santa Maria de Guimarães, da diocese de Braga, que intentavam entregar a cidade de Lisboa aos scismáticos, pela qual traição estavam escondidos nos tectos da igreja de Lisboa, de onde os precipitaram no adro da mesma igreja...

Não menos curiosa, e de alto valor, é a documentação referente ao período Felipino.

Entre os documentos, não podemos deixar de fazer alusão à Carta régia de Felipe I, com a data de 3 de Janeiro de 1581, pedindo a entrega dos cofres da Câmara, por intermédio de Bastião de Lucena a Cristóvão de Moura.

É interessantíssimo manusear essa vasta coleção de manuscritos, e através deles estudar a atitude da cidade perante a dominação castelhana.

Lisboa soube ser digna no seu sacrificio.

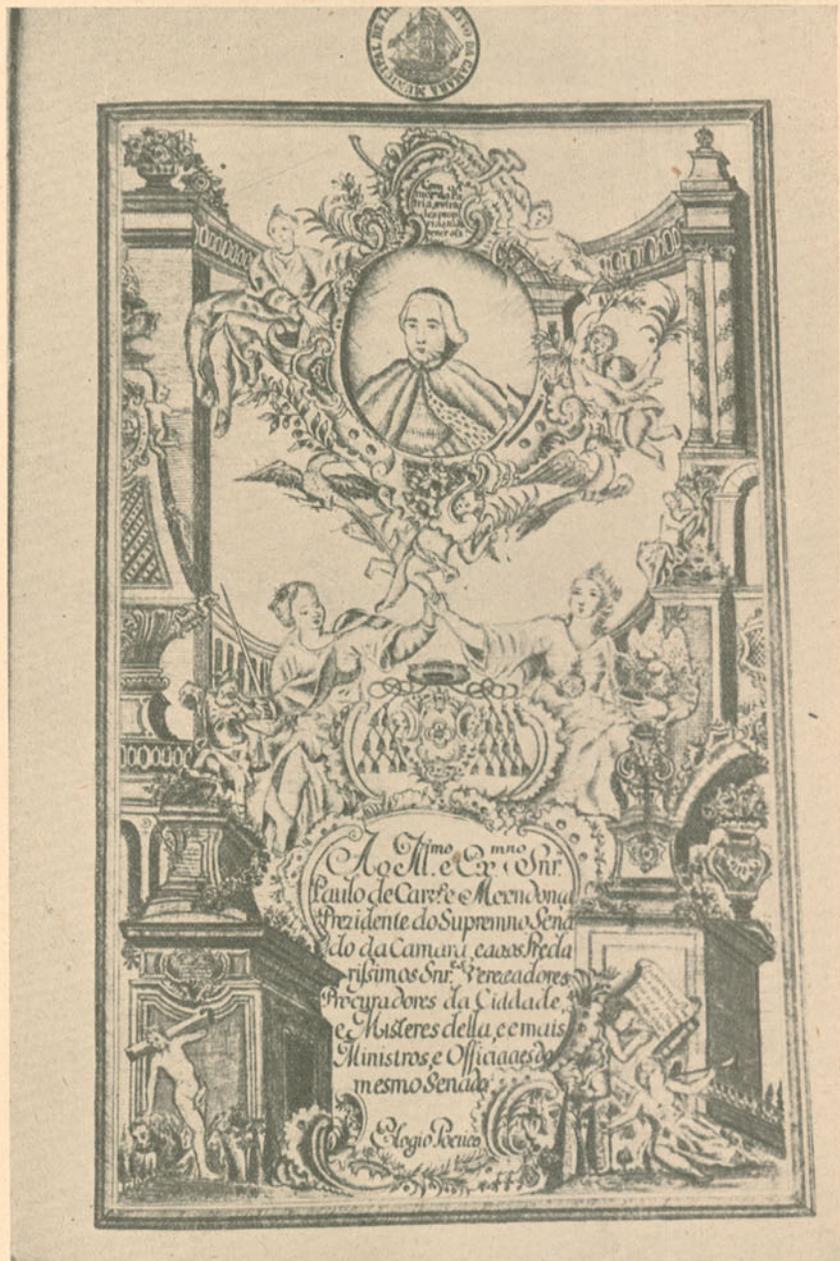
Próximo da Restauração, numa carta régia D. Felipe dirige-se à Câmara dando-lhe instruções para a eleição dos procuradores que deviam assistir à Junta do Reino para o desempenho de tenças.

O povo, pelos seus procuradores e mestres, insurge-se contra esta invasão das prerogativas fundamentais da Constituição política da Nação.

Entre esses princípios figurava como principal «que nenhuns tributos podiam ser impostos sem o voto dos procuradores do povo expresso em côrtes».

Para se fazer uma ideia da maneira digna como o povo respondia à dominação Felipina é folhear o Livro de Consultas na parte que se refere áquele período. Assim, com a data de 28 de Janeiro de 1634, pode ler-se:

«Corre por conta deste Senado acudir ao governo da cidade e à defensão do povo naquilo em que se entender que é molestado; e com esta obrigação, vendo-se o memorial incluso do juiz do povo e petições que as Côrtes fizeram, pareceu representar a Vossa Mag.^{de} e pedir-lhe, humildemente, como fazemos, seja V. Mag.^{de} servida mandar considerar a moléstia que o povo nisto recebe para



Repertório dos livros do Senado da Câmara de Lisboa, desde o tempo de D. João IV a D. José I, feito em 1867, no tempo de Paulo de Carvalho de Mendonça, irmão do Marquês de Pombal, e então presidente da Câmara

que se acuda com o remédio que da grandeza de V. Mag.^{de} devemos esperar.»

Nos livros de Provimientos de Saúde abunda vasta matéria histórica, especialmente sobre as pestes que assolaram Lisboa.

Com a data de 2 de Julho de 1523 é ordenado que para que se não agrave o mal da peste, pelo grande ajuntamento da Procissão do Corpo de Cristo, manda El-Rei que a Câmara resolva neste particular que a solenidade se faça na Sé e em cada igreja...

No reinado de D. João V, pode formar-se uma ideia muito clara do espanto que despertava o seu magnanismo.

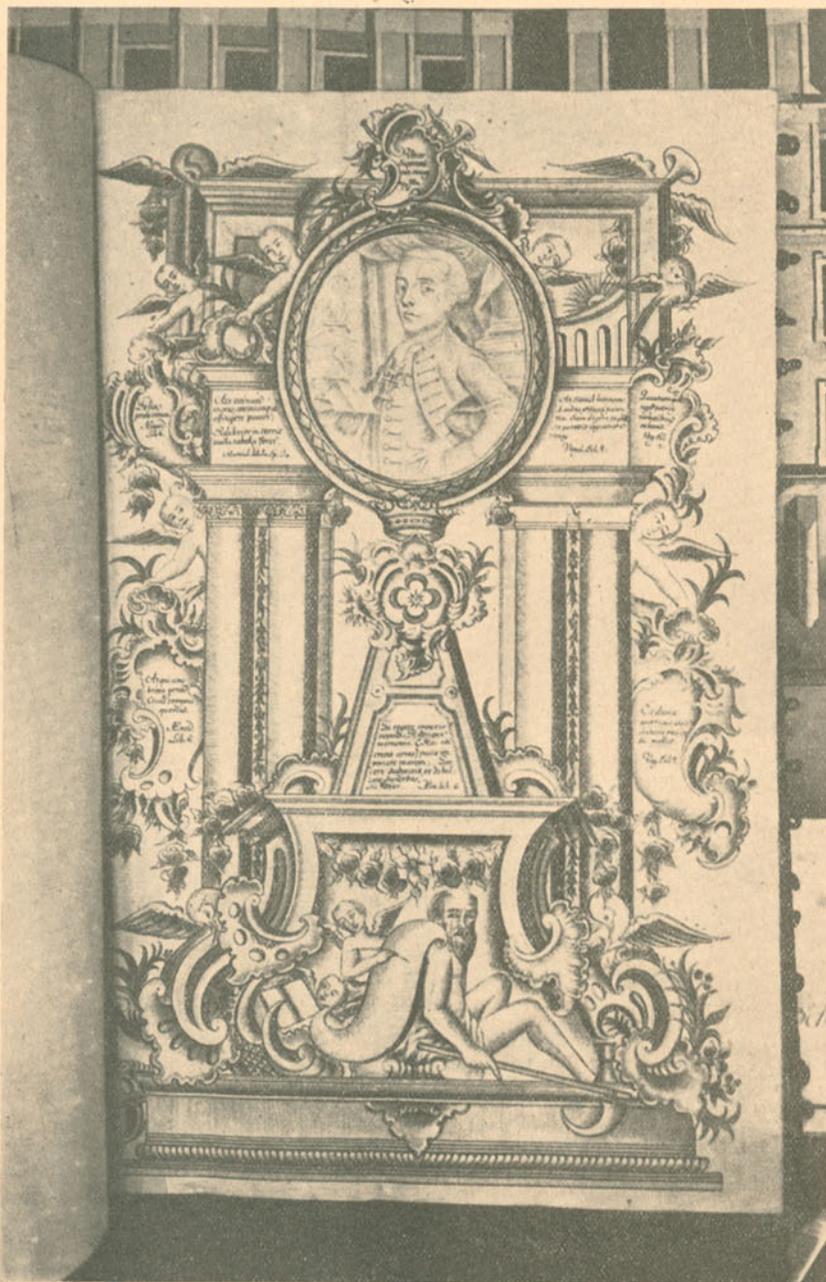
Existe no arquivo da Câmara uma carta do embaixador de França comunicando ao seu rei que D. João V levava por diante o seu propósito de Mafra, para o qual (informa o embaixador) «seria preciso todo o dinheiro que havia em Espanha, e não seria bastante...»

Ilustrando o reinado de D. José, podem os portugueses orgulhar-se de ler, no arquivo da Câmara, a Carta régia (19 de Setembro de 1761), em que D. José declara livres todos os escravos que entrassem no reino.

No reinado de D. José, desta vez sobresaindo a figura de Pombal, um documento com a data de 25 de Março de 1773, marca um grande acontecimento político: É a lei extinguindo toda a distinção entre cristãos velhos e cristãos novos.

No período pombalino, não deixam de ser curiosas as notas de despesas com as construções e melhoramentos que abrangem toda a acção de Pombal.

Por essas notas e vasta documentação se pode ver que, não obstante as enormes despesas realizadas, ainda sobejava muito dinheiro para a continuação de grandes obras, que a saída de Pombal paralizou.



Portada do livro de recompilação de graças, mercês e privilégios concedidos ao Senado da Câmara, feito em 1770 por mandado de Henrique José de Carvalho e Melo (Conde de Oeiras), filho do Marquês de Pombal e então presidente da Câmara

juiz da corôa, dando poderes ao Senado para executar os clérigos pelas suas dívidas à limpa.

São em extremo valiosos para a história da instrução em Portugal os documentos em que se pode ver, como vem de longe, a acção das Câmaras no ensino das primeiras letras.

No assento da vereação, que tem a data de 6 de Outubro de 1592, assim se lê:

«...se tratou que seria cousa muito necessãria saber-se dos mestres que ensinam meninos, de que qualidades são, de sua vida e costumes»; etc.

Ainda sobre ensino lemos no verso de um requerimento, com a data de 1610:

«Aos vinte e nove dias do mês de Outubro de mil e seis centos e dezasseis anos, fui eu escrivão ao limoeiro, desta cidade, aonde estava presa Maria de Siq.^{va}, conteûda nestes papeis e por eles foi dito que ela não quer ensinar mais meninos de hoje em diante, e conforme ao desp.^o acima da mesa da vereação fui contente...» etc.

Até ao reinado de D. Maria I, através da vasta documentação dos seus livros de assentos e posturas, nota-se o desejo, o prestígio e a força de autoridade da Câmara em acutelar a saúde pública e reprimir monopólios.

O provimento do pão, e a sua qualidade, foi em todos os tempos uma das grandes preocupações da fiscalização camarária.

O fornecimento e venda de carne levava a Câmara, na sua preocupação de defender a saúde da população e êstes extremos:

No Livro II, das Taxas, lemos êste curioso informe sobre o tabelamento no século XVI.

O documento tem a data de 28 de Outubro de 1528:

«O cortador que não der o pêso da carne, com deve, seja empicotado e esteja na picota com a carne ao pescoço, pela primeira vez, e pela segunda seja açoitado pela cidade, com baraço e pregão, e nunca mais seja cortador.»

Não deixa de ser interessante observar como, antes de Pombal, a Câmara intervinha a favor da moralidade.

Nos Livros de Posturas leem-se, a cada momento, curiosas determinações sobre as mulheres colarejas que falavam mal.

No Juízo dos Bravos, resolviam-se êstes... pequenos delitos.

EDUARDO FRIAS.

CASA PORTUGUESA O SOLAR DE PINA BRANDÃO

Na formosa página *Casa Portuguesa* que inserimos no nosso passado número, os azares tipográficos colaboraram com uma gralha de subida importância. Assim, referindo-se as fotos publicadas ao lindo e notável solar da família Pina Brandão, existente em Cela-Aronca, quis uma importuna gralha que arbitrariamente se crismasse aquela ilustre família de Paiva Brandão. Pecalços muito desagradáveis mas de que, certamente aquêles ilustres solarengos nos relevarão porque todos conhecem o doido afan em que, infelizmente, é executado sempre todo o trabalho jornalístico. Também, por lapsos, deixámos de citar que as lindas fotos reproduzidas são clichês da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Angélica de Pina Brandão.

Sobre o ministro de D. José deparamos com curiosas notas, que muito esclarecem alguns problemas históricos.

Pombal tinha, na Casa dos Vinte e Quatro, um dos seus mais sólidos apoios.

Por intermédio do juiz do povo e dos mestres, Pombal fazia ambiente na população.

Por seu turno, a Casa dos Vinte e Quatro tinha em Pombal um precioso aliado.

É assim que o Arquivo da Câmara guarda curiosa documentação sobre sugestões da Casa dos Vinte e Quatro, feitas ao Marquês de Pombal sobre os Távoras.

Interessantíssimo, também, o cuidado do ministro de D. José em recomendar, e fazer guardar na Câmara, toda a documentação referente aos jesuítas.

O mais curioso, porém, é que essa documentação, não obstante as recomendações,

os cofres especiais e as três chaves, desapareceu por completo. Existem cópias, mas os originais sumiram-se.

A Casa dos Vinte e Quatro, entre outros favores prestados ao Marquês de Pombal resolveu a difícil situação de tomar a iniciativa de colocar na estátua de D. José o medalhão do seu primeiro ministro.

Os variados aspectos da luta da Câmara com o clero, aparecem muito claros nesta evocação da história de Portugal através do arquivo camarário.

A 27 de Julho de 1549, o arcebispo de Lisboa, a pedido dos pescadores e procuradores da cidade, ameaça de excomunhão os eclesiásticos que se recusem a pagar a despesa feita com o material na reparação dos telhados de suas casas.

Com a data de 1696 lemos uma sentença do

A expansão do desporto na Alemanha

O culto do ar livre que o homem moderno professa, dia a dia, com elevado entusiasmo e nítida compreensão do seu alcance, tem tido na Alemanha, nos últimos anos, um poderoso impulso, revelado na difusão dos exercícios gymnásticos e desportivos.

Todos os municípios das grandes cidades germânicas facilitam e auxiliam essa simpática iniciativa, êsse movimento purificador das qualidades da raça, desviando dos seus orçamentos verbas avultadas para a criação de vastos parques, campos de jogos, estádios, piscinas abertas e do ar livre.

Presentemente não há na Alemanha, pode dizer-se sem exagêro, nenhuma cidade de mediana categoria que não possua um estádio vulgarizado com todo o equipamento moderno.

* * *

Mens sana in corpore sano, o velho aforismo de Juvenal, tem o seu cumprimento fiel, a sua justa prática na velha Germânia, afirmado em instalações dispostas em grandes áreas, circundadas de luxuriante vegetação,

O culto do ar livre, os estádios e as piscinas

formando um conjunto sugestivo e harmonioso, acessíveis a tôdas as idades e a tôdas as classes sociais.

Os quatro milhões e meio de habitantes que hoje a metrópole berlinense abriga, chegaram a constituir nada menos de 1950 sociedades de gymnástica e desporto, nas quais não é exagerado afirmar se encontram inscritos mais de meio milhão de associados. E à disposição dessa falange considerável de desportistas existem, na cidade do Reich, dosas e aliciantes verduras de Grünewald.

O grandioso oval destinado às tribunas pode comportar 70.000 espectadores, permitindo que os jogos olímpicos de 1936 ali se

realizem, como, de facto, se espera da resolução do respectivo «comité». Junto dêsse estádio funciona a casa de «sport», onde se efectuam, com regularidade e acentuada frequência, proficentemente orientados, os 320 campos de jogos, 160 dos quais dispendo duma superfície total de oito milhões de metros quadrados, são propriedade do Município.

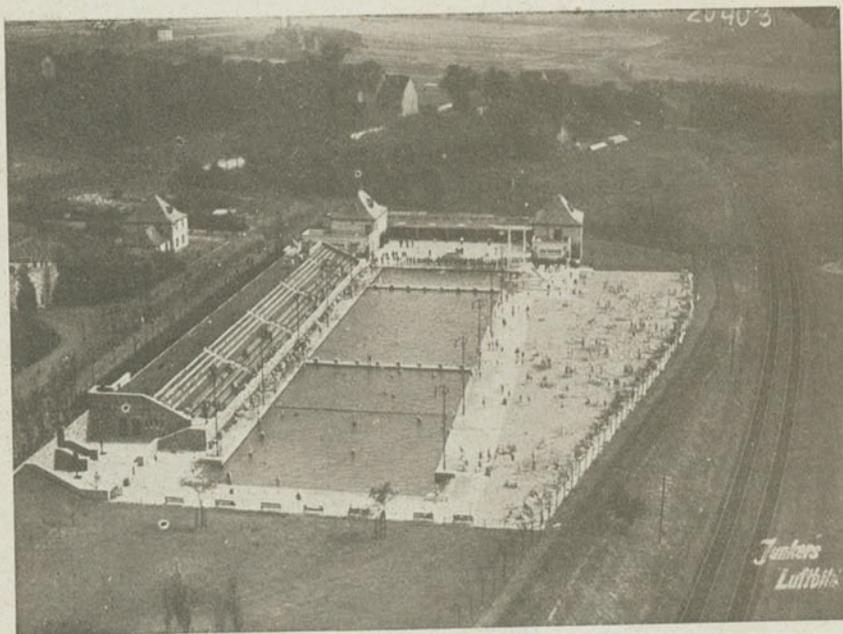
* * *

O desporto que, no dizer de Pascal, constitui o capítulo maior da medicina, é hoje em todo o mundo objecto de grandes atenções, preocupação de carinhosos disvelos da parte das *élites* que vêem, nessa função, um elemento de vitalidade, de aperfeiçoamento e desenvolvimento intelectual.

E assim o compreendendo, a Alemanha iniciou, em 1913, a construção do seu primeiro estádio, o «Deutsches Stadion», que se destinava a ser o teatro dos jogos olímpicos em 1916. Ergueu essa monumental instalação, propicia a todo o género de provas e campeonatos, que se destaca, majestosa e esbelta nas suas linhas, entre as fron-

O estádio de Hamburgo





Dortmund: Balneário de natação «Volkspark»

Escola Alemã Superior de Cultura Física.

—a cidade, por excelência, do «foot-ball» alemão— Francfort sôbre o Oder, Altona, Dresde, Lubeck, Düsseldorf e Dortmund, assinalam-se com estádios notáveis, quer pela

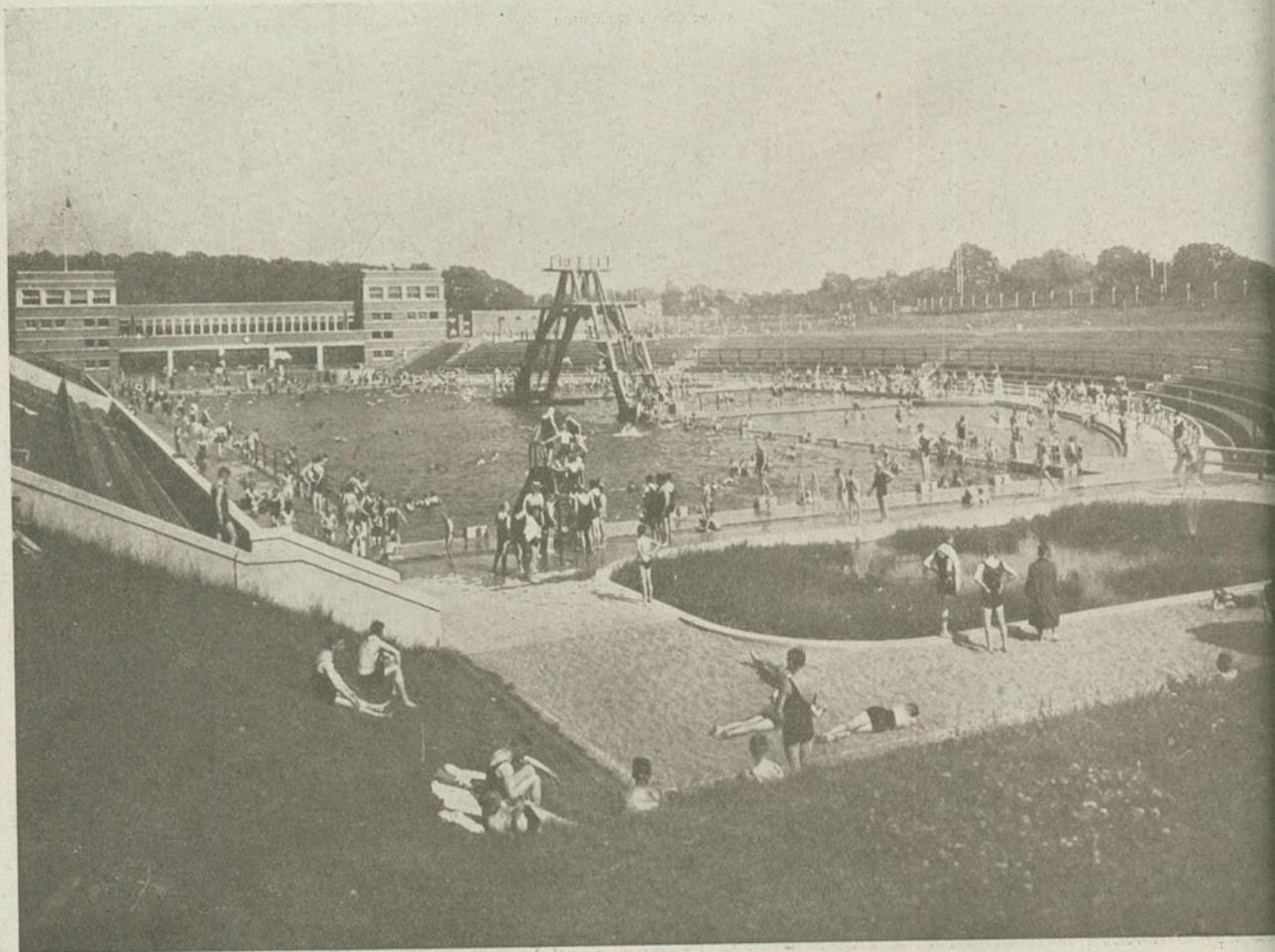
O exemplo de Berlim frutificou. Foi imitado por várias cidades alemãs. Hamburgo, Colônia, Francfort sôbre o Main, Nuremberg

Estádio de Stadtwald (piscina de natação e edificio de restaurante) em Gladbeck (Westfália)

sua grandiosidade, quer pelo pitoresco da sua colocação.

As Universidades e as Escolas Superiores da Alemanha têm, também, esplêndidos campos de jogos, adequados para a celebração de campeonatos. Ainda no ano passado, em Darmstadt, nos campos da Escola Superior de Tecnologia, se efectuaram os campeonatos desportivos de estudantes internacionais, prova que se denominou «Jogos Olímpicos Universitários».

Em geral, os estádios alemães não se destinam exclusivamente às paradas de atletismo e aos campeonatos desportivos. São, também, recintos de descanso onde, principalmente nos dias formosos e amenos de verão milhares e milhares de pessoas se espalham, refugiando-se do bulício e da intoxicação cardíaca das cidades.





O Estádio de Dresde

O culto do ar livre, a religião da gymnástica, em todos os seus preceitos são, constata-se no bosque de Francfort sobre o Main, que é um verdadeiro modelo, um documentário movimentado de higiene social moderna. Verifica-se nos esplêndidos parques de Nuremberg, na célebre cidade de recorte medieval onde nasceu Alberto Dürer, que foi um dos maiores artistas do século maravilhoso da Renascença. Percorra-se a Alemanha em várias direcções, desde os parques nimbados de poesia da cidade de Altona às elegantes pistas de Lubeck, enaltecidas pelo «reporter» do *Gringoire* no seu sensacional *Aux pays des hommes nus*, desde as margens cariciosas do Alster aos relvados simétricos de Leipzig, sempre se observará o mesmo devotado interesse, consciente e são, pela prática do desporto, pela exposição ao ar livre dos corpos sedentos da acção solar.

E esse interesse não é só manifestado pelas crianças e pelos homens. A alemã, como a

mulher da antiga Grécia, sem procurar assemelhar-se à plástica rígida e compacta do sexo forte, compreendeu bem que, para exaltar os seus dotes e encantos, era necessário praticar o desporto, conquistando agilidade e graça, reeducando o organismo e conservando a mocidade radiosa.

O alemão, que é fundamentalmente higiénico, adora a água. A natação é um dos seus desportos favoritos. Na moderna praia de Wannsee, à saída de Berlim e no trajecto de Potsdam, chegam, no verão, a banhar-se duzentas mil pessoas. Os lagos que, como sedutores oásis, se espalham por Berlim, são

Fotografia do Estádio de Berlim, tirada de aeroplano





Berlim : Festa de natação na piscina de ondas do «Lunapark»

freqüentadíssimos no estio. São o refúgio das classes pobres, a alegria ruidosa das crianças.

As praias do Alster, Blankeneeze e Norderey coalham-se duma multidão ávida do prazer da água e da prática do remo.

*
*
*

ção. Construíram-se as cobertas, localizadas em vários bairros das cidades mais importantes, obedecendo assim à finalidade de não interromper os desportos higiênicos da natação durante o inverno, dando-lhe continuidade em tôdas as estações do ano.

A mais popular e alegre das piscinas co-

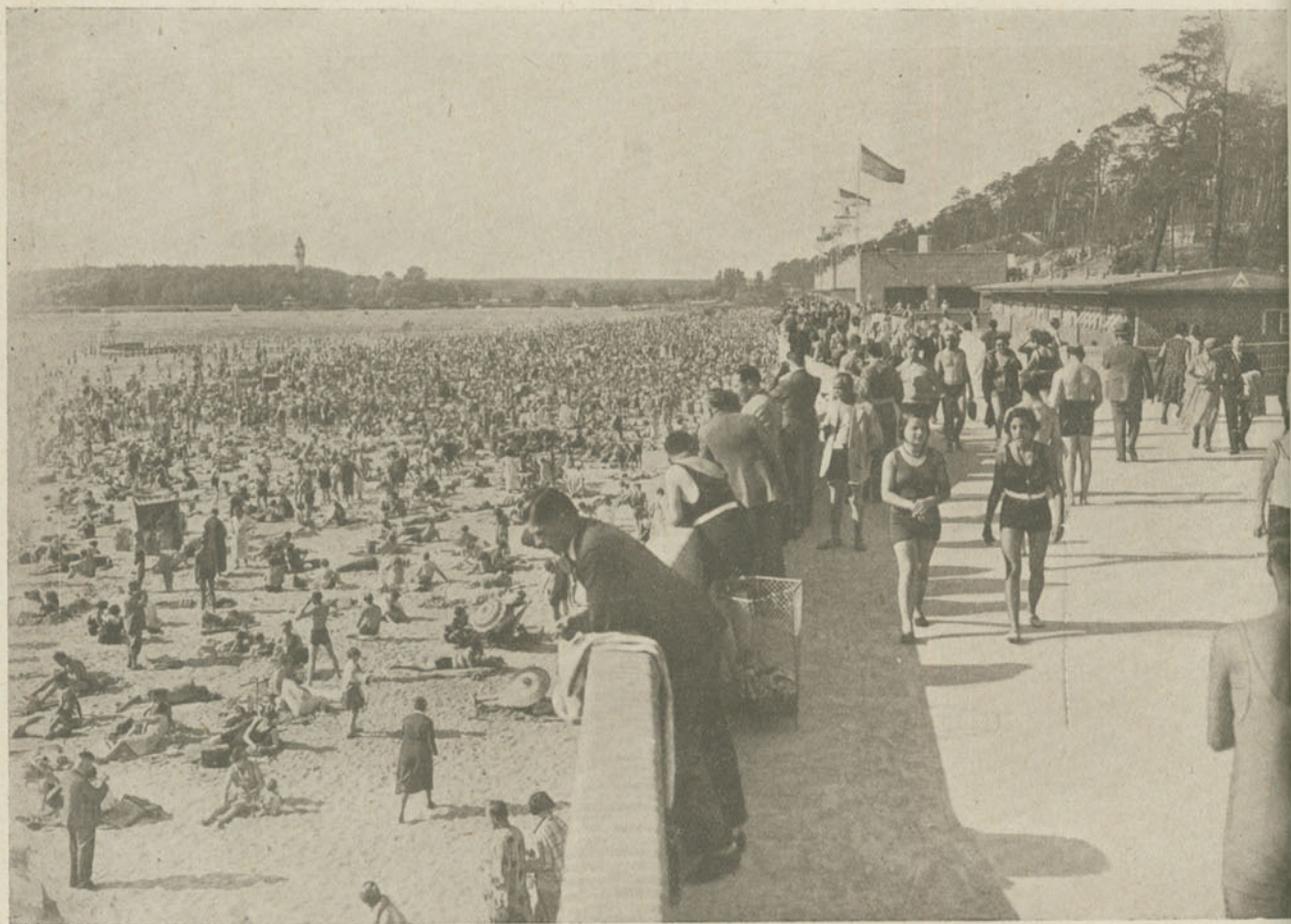
bertas é a de Wellenschwimmbad, no «Lunapark», de Berlim, cujas ondas artificiais se não diferenciam das do mar, oferecendo assim um inefável encanto ao prazer do banho. Funcionando, com temperatura regulada, das 14 às 3 horas da manhã, não lhe falta, para maior animação, a sonoridade ruidosa dum «jazz». No inverno, duas vezes por semana, reúnem-se nessa piscina os sócios excêntricos da «Liga do Nú», que, fieis aos seus regulamentos associativos, se apresentam completamente despidos.

E é assim, com uma sentida intuição e aproveitando-se duma rêde larga de possibilidades, que o povo alemão pratica metódicamente os princípios austeros, nobres e saudáveis de educação física, fortalecendo o organismo, desenvolvendo o espírito e mantendo com vigor as suas energias ráicas.

As piscinas são, também, a grande atrac-

ção. Dia de grande afluência no lago Wansee. Fotografia da praia tirada do terraço

MÁRIO DE FIGUEIREDO.



CAPRICHOS DA MODA NOVA

Em Ascott, no dia do Grande Prêmio Hípico, lançam-se as modas da estação. Vejam, aqui, à esquerda, Lord e Lady Brougham e a linda Eileen Brown, ditando leis «fashionable».



À DIREITA — Em Berlin, no Grunewald, as corridas marcam também a moda. Eis os jockeys Narr, Otto Schmidt e Haynes com três lindos e originais manequins

EM BAIXO — Os manequins profissionais no campo de corridas de cavalos de Grunewald (Berlin). Os modelos femininos são de Max Becker e dos cavalheiros são de Erwin Richter



Em Ascott (Inglaterra) um dos modelos que mais chamou a atenção foi o vestido por Mrs. Derek Reachy (no oval de baixo)



FOTOS
ORRIOS
EXCLUSIVAS
— DE —
ILUS-
TRACÃO



Lillian Bond, para variar, deixa papéis de ingénua e realiza uma «apache» em forma...

— O UÇA, sr. Denny, onde aprendeu esses modos? Nós, os americanos, não usamos o garfo desta forma.

Isto aconteceu certa ocasião em que Reginald Denny almoçava com alguns amigos num restaurante de Hollywood. Um intruso, acercando-se da sua mesa, proferiu as palavras acima, com espanto do actor, que nunca havia visto alguém dirigir-lhe a palavra tão impertinentemente.

A vítima, Reginald Denny, agora um dos luminares da Metro—que estava manejando o talher conforme o estilo do seu país—tentou acalmar delicadamente o tal indivíduo, mas este pequeno incidente só terminou quando Denny concordou em acompanhá-lo à sua mesa. Este, então, apresentou-o aos seus amigos dizendo: «Tenho a honra de vos apresentar ao meu velho amigo Reginald...».

Incidentes desta natureza acontecem quasi diariamente com todos os artistas cinematográficos, que andam suspirando por terem ao menos algumas horas de solidão. Nos teatros, nas ruas, nas viagens, esta pobre gente do cinema vê-se eternamente assediada por uma multidão de curiosos e admiradores que desejam apertar as mãos dos seus artistas favoritos ou pedirem um autógrafa ou qualquer coisa que guardem como lembrança destes artistas.

Uma das inconveniências que os artistas têm que suportar é a mania que o público tem de copiar os seus trajos, penteados e maneiras de andar, de modo que os artistas não podem conservar a sua individualidade.

Quando Norma Shearer, a célebre estrela, partiu para a Europa em gôso de férias em companhia de seu marido, Irving Thalberg, tiraram-se diversas fotografias das *toiletts* que ela fá usar na viagem. O resultado foi

EM BAIXO — Harry Beaumont dirige Adolphe Menjou e Ernest Torrence numa cena de *O eterno D. Juan*



Os artistas
cinematográficos
não podem ter
socego...



Janet Currie, uma das novas «baby-wampass», é uma despreocupada. Por pouco não saía assim à rua, pensando que tinha vestido uma das suas lindas *toilettes*.



que, quando Norma chegou a Berlim, a primeira coisa que viu ao entrar no *hall* do hotel, foram três *Frauleins* com vestidos e penteados exactamente iguais aos seus!

—Tive que construir um teatro na minha própria casa, dizia recentemente Ramon Novarro, o famoso astro mexicano— simplesmente para defesa própria. Gosto imensamente de ir ao cinema. Seria uma felicidade se eu pudesse ir ao cinema e sentar-me à vontade como qualquer outra pessoa. Mas é impossível. Apenas me sento na cadeira, oiço murmúrios: «Olhe o Ramon Novarro, estou certa de que é êle!». Digo francamente que me deleita quando me reconhecem em público, pois que é coisa que faz parte da minha profissão. Mas, ao mesmo tempo, fico sentido, pois não posso assistir ao filme socegradamente. Quando quero vêr como o público recebe algum dos meus filmes, tenho que me disfarçar para que não me reconheçam e me deixem em paz.

Greta Garbo, contudo, é, como sempre, uma excepção à regra. Nunca aparece em público sem que esteja disfarçada com um grande chapéu de feltro enterrado até os olhos, e um casaco de lã. Com êste disfarce, Greta não pode ser reconhecida tão facilmente.

A grande estrêla sueca passa a maior parte do seu tempo longe dos estúdios, fechada na sua residência que até parece mais uma fortaleza pela altura dos seus muros. Isto não quer dizer que Greta não goste de companhia, mas é simplesmente porque não quer ser reconhecida. Greta dá sempre longos passeios à beira mar ou pelos jardins públicos.

Contam que numa ocasião Greta Garbo chegou a um jardim público onde se realizava um concurso de imitações de artistas cinematográficos. Greta parou para presenciar o desfile daquelas cópias vivas de Charlie Chaplin, Marion Davies, Lawrence Tibbett, William Haines e outros luminares.

Entre os concorrentes achavam-se quatro *Greta Garbos*.

Uma delas chamou a atenção da verdadeira Greta.

Greta puxou o braço da pessoa que a acompanhava e disse:

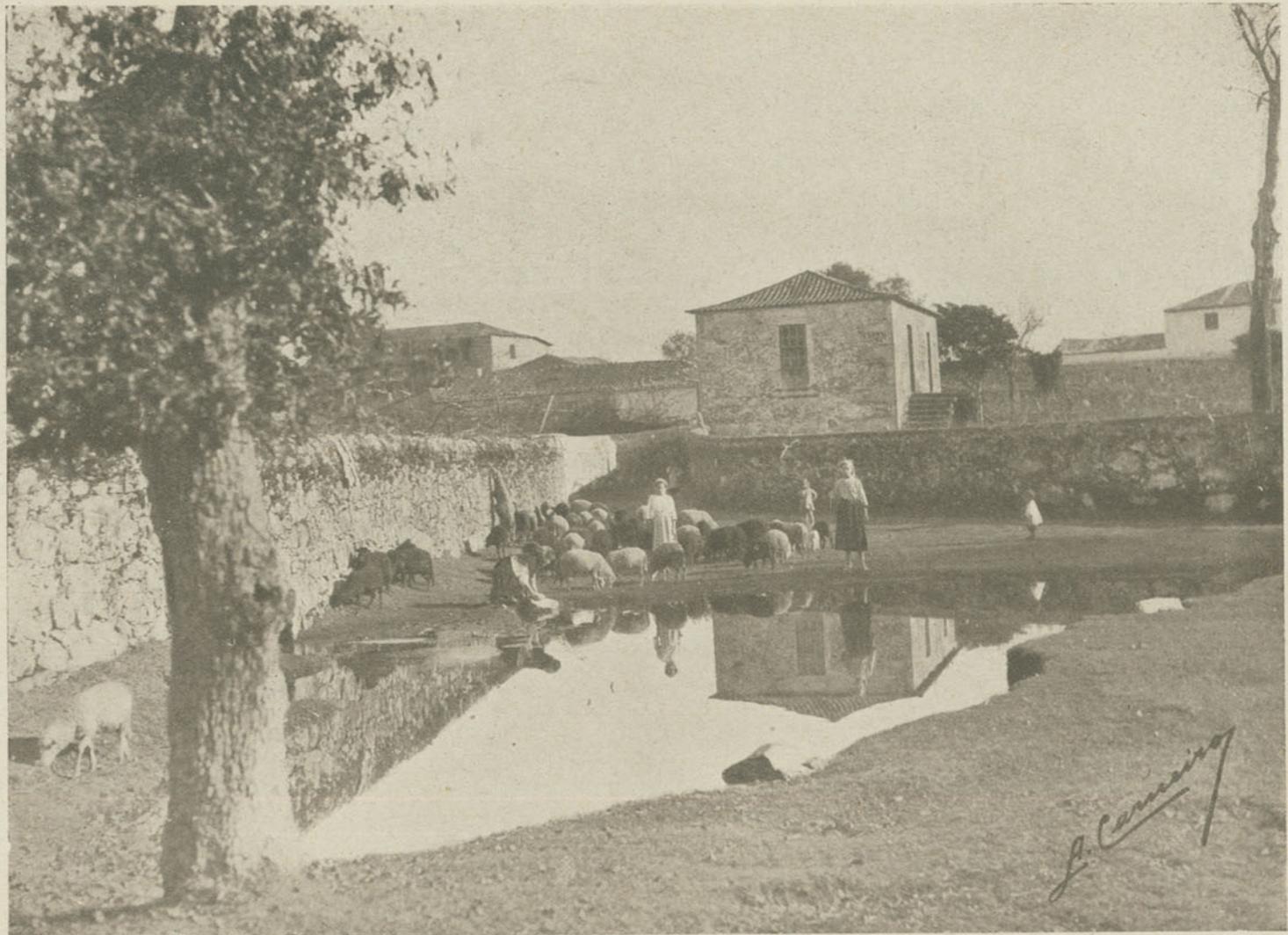
—Olha que aquela parece-se comigo mais do que eu mesma.

Os artistas têm que suportar ainda outra inconveniência muito comum: o afan dos seus admiradores em obter relíquias dos seus artistas favoritos.

Uma vez em que Mary Pickford entrava num dos salões do Hotel Ritz, em Nova York, para assistir a um grande baile, notou que tôdas as pessoas olhavam para a sua *toilette* com uma certa estranheza, e Mary olhando para o vestido viu que lhe tinham cortado um pedaço da cauda! Certamente tinha sido cortada por algum admirador ansioso por obter uma relíquia desta grande estrêla.

John Gilbert, o simpático astro, aprendeu por experiência própria que não se devem deixar as luvas, bengalas ou outros objectos de uso fóra do alcance da mão, a menos que seja na própria residência ou em algum lugar de confiança. Os admiradores não julgam que seja roubo quando tiram objectos de uso dos artistas e os levam como lembrança. John Gilbert perdeu desta maneira seis pares de luvas em três meses!

Poiginey
de
Ante



A. Carneiro

32
MUSTRAS

||| AURELIANO
CARNEIRO
VIANA DO CASTELO

== ALDEIA ==
SILENCIOSA

EVORA, CIDADE - MUZEU

EVORA, a antiga *Liberalitas Julia*, a favorita do grande general Sertório e mais recentemente a cidade cujos monumentos nos recordam a nossa maior epopeia, visto terem sido erguidos nos reinados de D. João II e D. Manuel I, Évora faz-nos lembrar aquele *Alt-Bremer-haus*, suntuoso palácio que tivemos o prazer de visitar em Bremen, essa lendária Bremen que ainda encerra preciosíssimos monumentos da antiguidade. Pois o *Alt-Bremer-haus*, segundo o *Bremer-Nachrichten*, devia ter sido mandado construir por Erich, entre 1567 a 1638.

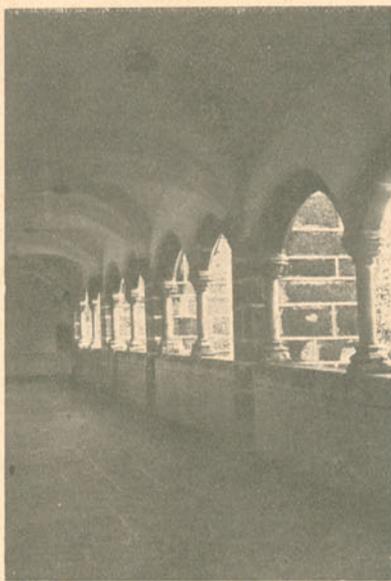
O *Alt-Bremer-haus* é, pois, um restaurante do século XVI, com todos os utensílios dessa época, mas a que lhe adicionaram tudo que o modernismo nos tem trazido.

Assim é a cidade de Évora. Tem a sua fisionomia adequada ao progresso mas o seu estilo é retintamente medieval, não existindo no país cidade mais interessante sob o ponto de vista arqueológico.

Sim, porque Évora tem, desde a fundação de Portugal, um bem eloquente papel de relêvo.

Se os romanos deixaram bem nítidos os sinais da sua passagem por esta cidade, como ainda se notam no *Templo de Diana* e no *Arco de D. Isabel*, também os godos e os mouros ali deixaram vestígios da sua civilização.

É vasta a história de Évora desde 1166, em que Geraldo-sem-pavor a conquistou ao poder dos mouros. Foi desta cidade que partiu



Claustro do Convento do Espinheiro

D. Afonso IV para a batalha de Salado. Foi no Castelo de Évora que esteve prêsso o Mestre de Aviz; D. Fernando, Duque de Bragança, foi decapitado na Praça do Geraldo. Foi ainda em Évora que se realizaram, com

Uma vista parcial de Évora

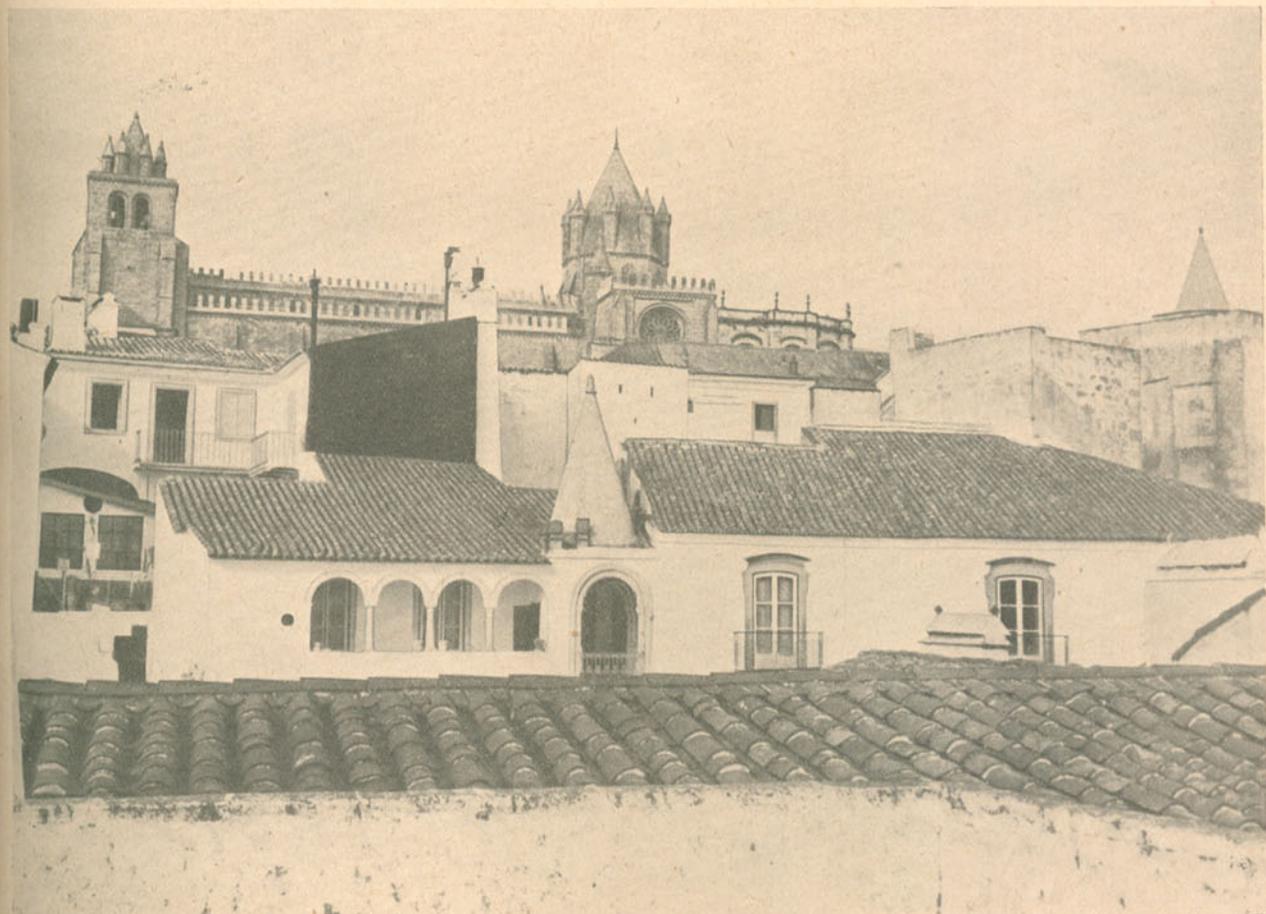
tôda a pompa, os esposais do filho de D. João II, D. Afonso. Em 1637 foi de Évora que estalou o grito da independência portuguesa. Foi o primeiro toque de clarim para a revolução de 1640 que libertou Portugal do jugo castelhano.

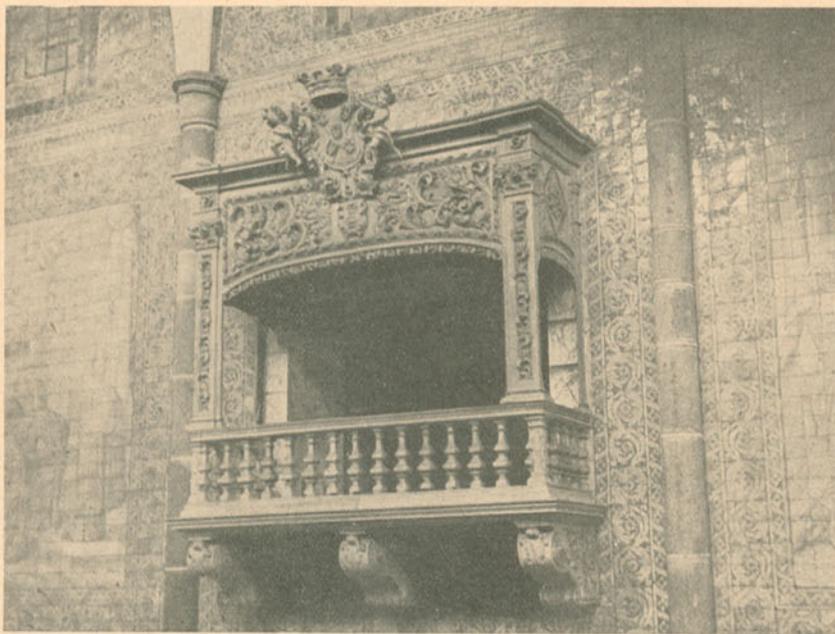
Évora foi, enfim, capital do reino de Portugal durante muito tempo, tendo sido um grande foco de cultura na Renascença.

O vulgo chama-lhe o *Museu de Portugal* ou a *Sempre-bela*. De facto, Évora é sempre bela e ela constitui o mais interessante museu do nosso país, visto que adentro das suas muralhas tem trabalhado os mais afamados artistas, em todos os estilos. Assim, a Sé, monumento formidável, considerado a mais bela catedral do país, foi iniciado no século XII em românico, mas só dois séculos depois é que foi construído em gótico o seu claustro, tendo ainda sofrido vários enxertos através dos séculos. Este monumento foi começado a edificar em 1186.

Mas não cabe num simples artigo fazer-se uma descrição histórica de todos os monumentos de Évora, visto que tôda a cidade, desde as suas arcadas até às suas fontes, é histórica e interessante.

Mas dentre tantas igrejas de estilos interessantíssimos queremos destacar uma que merece a admiração de todos os especializados em arqueologia. É a igreja de S. Francisco, de uma só nave, com abóbada sem apoio algum. Tem esta igreja a *Casa dos ossos*,





Tribuna em talha na Igreja do convento dos Lóios

que é uma das antiguidades mais típicas que temos encontrado. É esta uma sala vastíssima, toda guarnecida de caveiras, fíbrias e peronios.

Também a igreja de Santo Antão, à Praça do Geraldo, construída em 1557 por D. Henrique, é um monumento digno de visitar-se. Mas se Évora é interessante pelas suas

igrejas, quasi todas mandadas construir por D. João II e D. Manuel I, precisamente nos reinados das nossas descobertas e conquistas, não é menos interessante pelos seus palácios.

Assim o palácio de D. Henrique e que foi

Fonte das Portas de Moura

vivenda do Cardeal-rei e mais tarde residência dos jesuitas. O palácio das *Cinco Quinas* é uma edificação acastelada, com torres defensivas invocando factos históricos. O palácio dos Condes de Bastos é também impressionante. Tem ao lado a ermida de S. Miguel, com janelas de estilo manuelino e no interior azulejos dum alto valor histórico. Também o palácio de D. Manuel, que um incêndio quasi destruiu há anos, é uma preciosa obra de arte antiga.

Tem ainda Évora moradias muito interessantes, como a de Vasco da Gama, conservando ainda parte dum claustro com boas pinturas; a casa de Garcia de Rezende, em estilo manuelino; de D. João de Aguiar, Bispo de Bragança, na Freiria de Cima; dos Condes de Vimioso e do Inquisidor e tantas outras dignas da maior atenção para os arqueólogos.

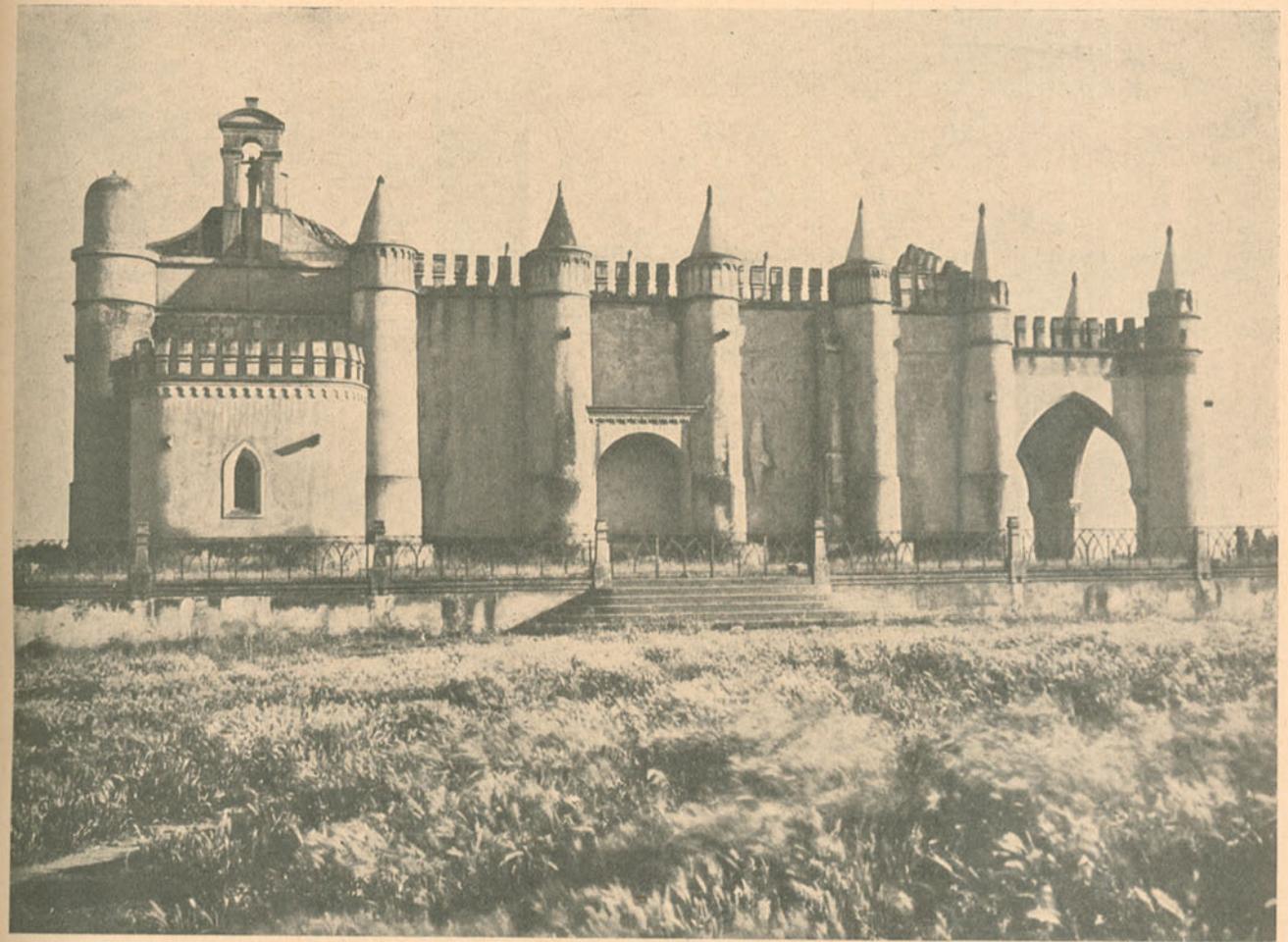
Também Évora tem os seus conventos históricos, como o do Calvário, em que encerra a recordação de D. Isabel Juliana, a *Sempre noiva*, ali encerrada pelo Marquês de Pombal.

O convento do Espinheiro fica nos arredores de Évora. Foi edificado em 1458. É ali, na sua cêrca, que se encontra a capela tumular de Garcia de Rezende. Os seus mármore embutidos e os seus azulejos são duma preciosidade inigualável.

Mas um outro convento ainda mais antigo se encontra na capital transtagana. É o convento de S. Bento, edificado no século XI, encerrando ainda verdadeiras preciosidades architectónicas.

Tem Évora três cintas de muralhas. As





A célebre ermida de S. Braz

romanas, as *afonsinas* e as *fernandinas*, existindo ainda hoje uma parte das velhas muralhas *frenandinas*; a porta de Aviz.

As suas fontes são também originalíssimas. A fonte da Praça do Geraldo foi obra de D. Henrique, em 1570, e a das Portas de Moura de D. Sebastião, em 1537. Existe ainda uma outra fonte do tempo de D. Manuel, conhecida por *fonte de el-rei*.

seus, tem quadros antigos de alto valor histórico, assim como azulejos como ainda não vimos em parte alguma.

É bem a cidade-museu, a favorita de Seratório, a conquistada pelo grande Geraldo.

Quizemos também visitar as prisões da Inquisição. São subterrâneos sem ar e sem luz, onde pelas paredes se distinguem caracteres escritos com o próprio sangue dos supliciados. Eram desabafos soltados por

aqueles que aguardavam a hora sinistra de subirem ao patíbulo.

Évora, a *Sempre-bela*, se invoca uma época de grandes glórias portuguesas, também traduz um período de opressão e de prepotência.

Mas, correm os anos, sucedem-se os séculos e Évora é sempre a mesma cidade. Ela é, como muito bem diz o vulgo, o grande *Museu de Portugal*.

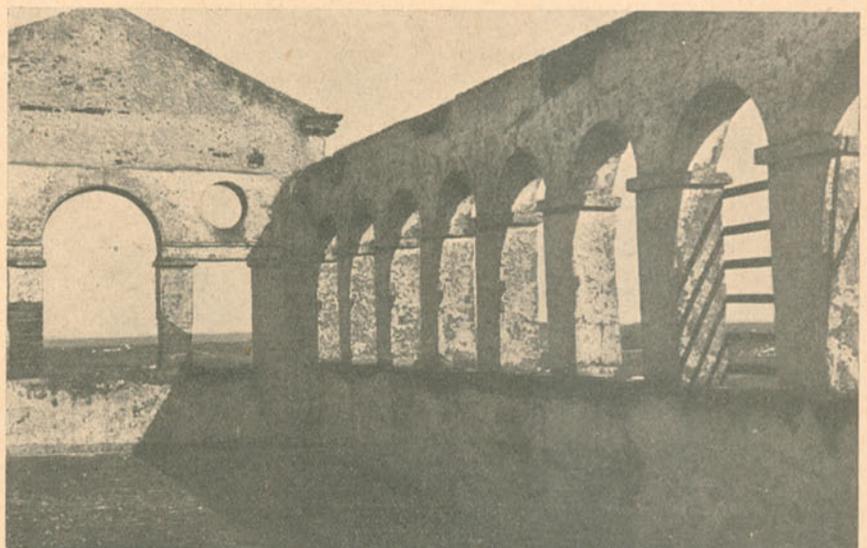
PEDRO MURALHA.

(Fotos do insigne amator Liberato)

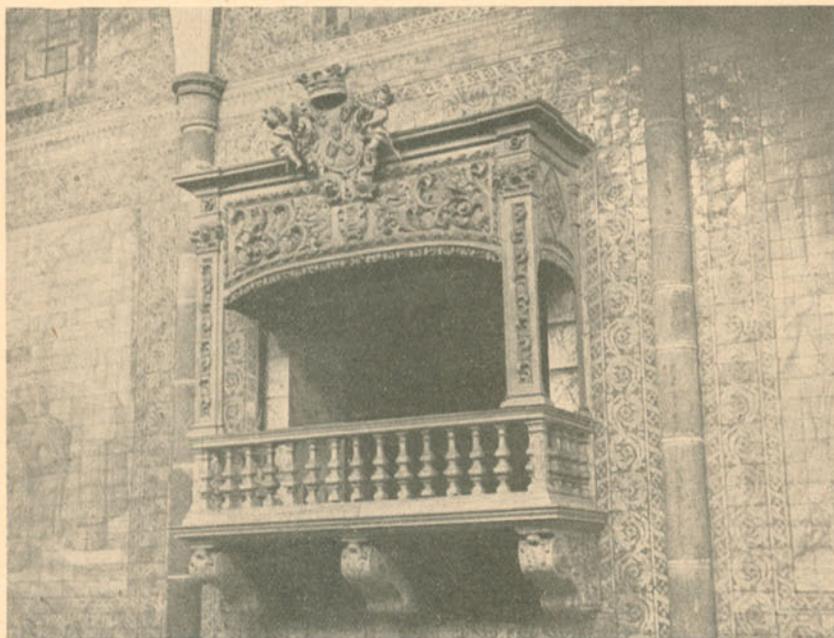
Sim, Évora que agora fomos encontrar é a mesma Évora que deixámos há 34 anos. A sua característica apenas foi embelezada com o progresso. Já tem electricidade, quando então o maior luxo era o gás, mas o mais usual era o azeite e o petróleo para a iluminação. Já tem esgotos, quando ainda nos lembra do *água vai*. Alguns dos seus largos estão ajardinados; vai ter água encanada, vai ter linha telefónica e, além de tudo isso, também a tracção mecânica substituiu a animal. Mas a característica da cidade é a mesma. É o museu de *outrora*. Mas sem rival sua. Bairros túmulos.

A cidade, que nos princípios do século passado tinha dentro das suas muralhas 25 conventos, é a mesma cidade com as suas *Alcáçovas*, as suas *Freirias*. Os nomes das ruas também pouco mudaram. Lá vimos ainda a *Rua das Amas do Cardeal*, do *Alfaiate da Condessa*, dos *Valdevinos*, etc.

E para tornar Évora ainda mais a cidade-museu, tódas as igrejas, todos os conventos, todos os palácios, assim como os seus mu-



Varandim do Convento da Cartuxa



Tribuna em talha na Igreja do convento dos Loios

que é uma das antiguidades mais típicas que temos encontrado. É esta uma sala vastíssima, toda guarnecida de caveiras, tábias e peronios.

Também a igreja de Santo Antão, à Praça do Geraldo, construída em 1557 por D. Henrique, é um monumento digno de visitar-se.

Mas se Évora é interessante pelas suas

igrejas, quasi todas mandadas construir por D. João II e D. Manuel I, precisamente nos reinados das nossas descobertas e conquistas, não é menos interessante pelos seus palácios.

Assim o palácio de D. Henrique e que foi

Fonte das Portas de Moura

vivenda do Cardeal-rei e mais tarde residência dos jesuítas. O palácio das *Cinco Quinas* é uma edificação acastelada, com torres defensivas invocando factos históricos. O palácio dos Condes de Bastos é também impressionante. Tem ao lado a ermida de S. Miguel, com janelas de estilo manuelino e no interior azulejos dum alto valor histórico. Também o palácio de D. Manuel, que um incêndio quasi destruiu há anos, é uma preciosa obra de arte antiga.

Tem ainda Évora moradias muito interessantes, como a de Vasco da Gama, conservando ainda parte dum claustro com boas pinturas; a casa de Garcia de Rezende, em estilo manuelino; de D. João de Aguiar, Bispo de Bragança, na Freiria de Cima; dos Condes de Vimioso e do Inquisidor e tantas outras dignas da maior atenção para os arqueólogos.

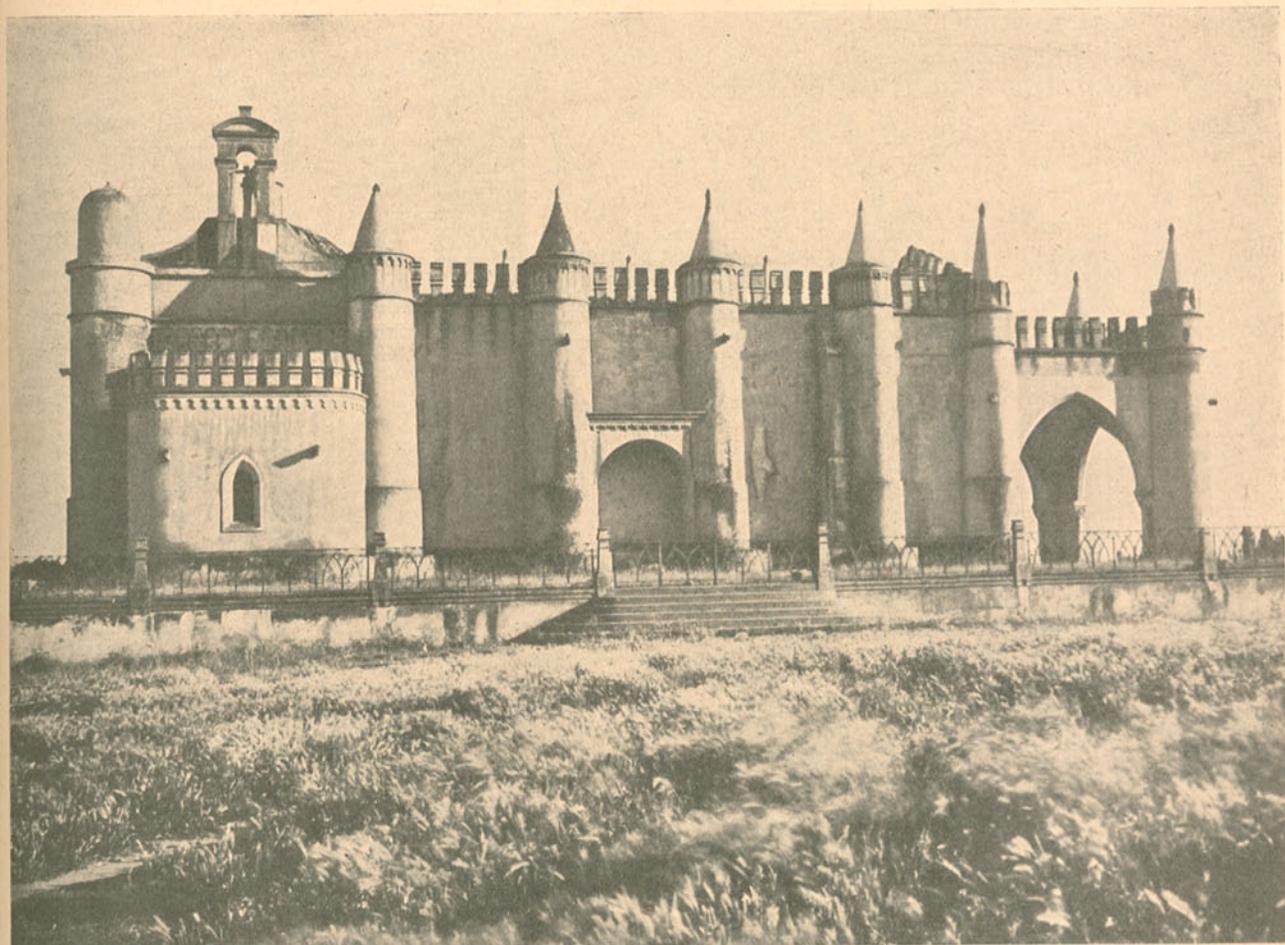
Também Évora tem os seus conventos históricos, como o do Calvário, em que encerra a recordação de D. Isabel Juliana, a *Sempre noiva*, ali encerrada pelo Marquês de Pombal.

O convento do Espinheiro fica nos arredores de Évora. Foi edificado em 1458. É ali na sua cerca, que se encontra a capela tumular de Garcia de Rezende. Os seus mármores embutidos e os seus azulejos são dumha preciosidade inegalável.

Mas um outro convento ainda mais antigo se encontra na capital transtagana. É o convento de S. Bento, edificado no século XI, encerrando ainda verdadeiras preciosidades architectónicas.

Tem Évora três cintas de murallas. A





A célebre ermida de S. Braz

romanas, as afonsinas e as fernandinas, existindo ainda hoje uma parte das velhas muralhas *frenandinas*; a porta de Aviz.

As suas fontes são também originalíssimas. A fonte da Praça do Geraldo foi obra de D. Henrique, em 1570, e a das Portas de Moura de D. Sebastião, em 1537. Existe ainda uma outra fonte do tempo de D. Manuel, conhecida por *fonte de el-rei*.

seus, tem quadros antigos de alto valor histórico, assim como azulejos como ainda não vimos em parte alguma.

É bem a cidade-museu, a favorita de Seratório, a conquistada pelo grande Geraldo.

Quizemos também visitar as prisões da Inquisição. São subterrâneos sem ar e sem luz, onde pelas paredes se distinguem caracteres escritos com o próprio sangue dos supliciados. Eram desabafos soltados por

aqueles que aguardavam a hora sinistra de subirem ao patíbulo.

Évora, a *Sempre-bela*, se invoca uma época de grandes glórias portuguesas, também traz um período de opressão e de prepotência.

Mas, correm os anos, sucedem-se os séculos e Évora é sempre a mesma cidade. Ela é, como muito bem diz o vulgo, o grande *Museu de Portugal*.

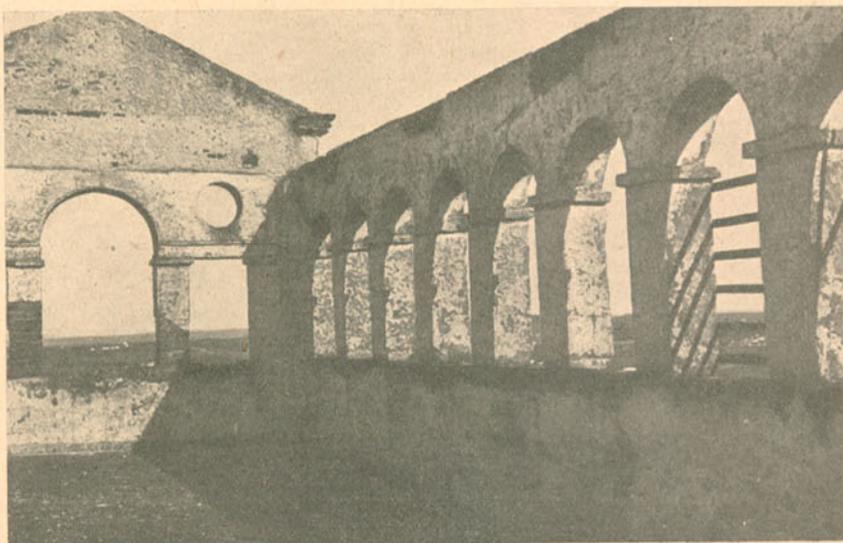
PEDRO MURALHA.

(Fotos do insigne amador Liberato)

Sim, Évora que agora fomos encontrar é a mesma Évora que deixámos há 34 anos. A sua característica apenas foi embelezada com o progresso. Já tem electricidade, quando então o maior luxo era o gás, mas o mais usual era o azeite e o petróleo para a iluminação. Já tem esgotos, quando ainda nos lembra do *água vai*. Alguns dos seus largos estão ajardinados; vai ter água encanada, vai ter linha telefónica e, além de tudo isso, também a tracção mecânica substituiu a animal. Mas a característica da cidade é a mesma. É o museu de *outrora*. Mas sem rival sua. Bairros túmulos.

A cidade, que nos princípios do século passado tinha dentro das suas muralhas 25 conventos, é a mesma cidade com as suas *Alcôvas*, as suas *Freirias*. Os nomes das ruas também pouco mudaram. Lá vimos ainda a *Rua das Amas do Cardeal*, do *Alfaiate da Condessa*, dos *Valdevinos*, etc.

E para tornar Évora ainda mais a cidade-museu, todas as igrejas, todos os conventos, todos os palácios, assim como os seus mu-



Varandim do Convento da Cartuxa

LIVROS

Não vai famosa a *season* livreira, Cartapácios inúteis são aos centos, é certo, mas coisa que valha a pena de folhear, nem quasi se lobrica. Sandices, vaidades pessoais impressas, um tédio enorme para o bibliófilo ou para quem, por profissão, tem que alumiar o farol que perserva o incauto de escolhos na leitura, pedregulhos vãos que arrombam as quilhas da paciência humana.

Verdade seja que, a época do ano soe ser má como produção livresca, mas, ao menos, que essa ruindade transparecesse na falta de produção e não, santo Deus!, na abundância de porcaria sem ponta por onde se lhe pegue. Porque, na verdade, em nome da higiene moral e intelectual dos povos, antes desejamos as montras vazias, às môscas, do que atafalhadas de livrêcos variegados que, todos espremidos, não dão uma ideia ou uma gôta de beleza. Mas, enfim, já que as coisas não são como desejamos, rebusquemos alguns livros dos poucos que valem crítica. Alguns há.

Bom e apreciável livro êste de Acácio Leitão, autor que em meio da frivolidade da literatura actual se dá ao prazer de bem pensar e de compôr êste longo rosário de coisas belas, profundas e simples que intitula de *Gimnástica da Humildade*. Acácio Leitão é, sem dúvida, um poeta; mais, talvez, um místico à maneira de antanho. Os seus pensamentos lineares, propositadamente despidos de europeis retóricos, mas, talvez por isso mesmo, de um incontestável valor, compõem um dos mais belos livros dêste momento. Edição muito particularmente cuidada.

E vamos lá que já a nossa busca vai dando resultados. Afinal, tanto pessimismo na diatribe de entrada, dirão os leitores, e logo, às primeiras, topa o crítico com um livro, já não escapável mas bom, bom sem mistura? Assim é. Mas não deitamos foguetes. O montão que atafalha esta velha e relha secretária, testemunha de tanta indulgência,

quicá criminoso, é grande como o monte Everest. Um monte bruto de selváticas pederneiras, escórias e lixo. Que admira o facto de, em alguma fenda, em torrãozinho de boa terra esquecida, brote um rebentoso verde-teuro, ou botão de esteva, ou flôr mimosa, tanto mais bela quanto maior é a bruteza ao redor?

Continuemos, pois. Alto no caminho. Épocas há em que os poetas, ao melhor, os fazedores de rimas, são mais do que a praga. E como a praga egípcia, deixam, ao de cima da terra, após a sua passagem em bando, herva secca e vacas magras.

Como herva secca fica, decerto, o crítico, depois de, por dever de officio, lêr tanta produção poética. O critério de çalar, pura e simplesmente, os juízos maus, não pode colher. Há que dizer francamente a verdade. E esta, no caso do autor de *Fumo passageiro*, é que o sr. João Baptista Pereira não nasceu para dedilhar a lira. Vai enganado. É tólo?... Não! É até, ao que parece, pessoa envenenada pela literatura sarcástica que fez época. E põe em verso a sua intoxicação. Não deve fazê-lo. Deve experimentar a prosa...

Não estava aqui mais do que uma raze e vinho. Será mais adiante a colheita boa nas agruras do monte?... Paciência e coragem. Subamos sempre. Câ está? Não!... Mais um pouco!... Hein?... O que é isto?... Mas que feia capa de livro!... Que macaqueante coisa, falha de desenho, de cor e de expressão!...

Como se consente que, nesta época de regeneração da beleza que estamos atravessando, um editor lance a lume um volume tão horrivelmente apresentado? Merecia, a sério, um castigo, quando menos uma multa pelo seu mau gôsto, que chega a ser imoral como tudo quanto é anti-estético. E, por cima do castigo, claro está, çagar-lhe a licença de editar. Já não há direito, em 1931, de continuar o editor de livros a ser um vulgar negociante por gôsto e a retalho, inculco, atrazado, sem gôsto nem visão artística. Editores que não lêem e não sentem a beleza, fora com êles. São os piores inimigos dos editados. Êste autor, por exemplo, do livro que tenho em frente, Abel Ribeiro, está condenado, pelo seu editor, em vista da capa que puseram no seu livro, a uma derrota certa.

E mereço-o?... Leiamos com atenção o seu livro *Sem Pátria!* e estampemos-lhe a ignara fachada para vergonha de quem a gizou e empregou.

Que pena Abel Ribeiro não ter recusado esta edição! Porque o autor tem qualidades verdadeiras. É, sem sombra de discussão, uma pessoa inteligente, desempocirada, interessante. O seu prefácio, *Depoimento* lhe chama, é um documento de inteireza e largas e sãs vistas.

Campos Monteiro, numa carta que o volume recolhe, põe acertadamente o ponto de vista crítico pelo qual deve ser medido êste volume de novelas. Uma promessa muito e muito interessante, muito séria, muito sólida já. Um brilho de linguagem que o parco léxico não permite ser mais do que elegante e comedido, poder de dramatização e, o que é muito raro encontrar-se, poder de síntese literária, que permite a Abel Ribeiro abordar, com relativo êxito, êste género de noveletas, muito de corte espanhol, às vezes, mas difícil de realizar.

Continui o autor nos seus esforços. São bem empregados. Mas mal empregado livro de estreia para uma capinha destas!... Veja os leitores, poucos que tenho, a capa que anatematizo. E digam-me se não é de razão o meu furor!

Manuel Chaves Nogales é um grande expoente do jornalismo espanhol. Ao seu talento, à sua prodigiosa actividade, à sua visão moderna e desempocirada deve o *Heraldo de Madrid*, a voga que teve, à sua dedicação e ao seu talento deve, em grande parte, o novo diário *Ahora* ser o colosso de expansão internacional que, sem contestação, é já. Chaves Nogales, grande reporter internacional, o homem que mais sagaz e veementemente viu a Rússia em linguados de papel, não deixa, por isso, de ser um escritor de rara emotividade e elegância. As suas reportagens, caso singular, nada perdem com a publicação em volume. Assim *Lo que ha quedado del Imperio de los Zares*, rescaldo da fogueira russa, um revolver doloroso de cinzas ainda tépidas, um *De profundis* piedoso sobre o frio esqueleto de uma autocracia sem desculpa, depois de ter sido reportagem sensacional constitui um belo volume de palpitante interesse. Manuel Chaves Nogales marca como um dos mais notáveis jornalistas do nosso tempo. O seu livro é, sem dúvida, um dos mais curiosos sobre a modificação da sociedade russa e é valorizado com uma reportagem fotográfica que excede tudo quanto, até hoje, se realizou no mesmo género.

O sr. Fernando Vale (Fernand'Almiro), reputado escritor desportivo e técnico, lança no mercado um livro realmente magnífico, *Resumo Técnico Histórico da Aviação Internacional*, trabalho de alto interesse na propaganda da conquista do ar. O volume é, além de por seu mérito, notável pela beleza gráfica, com capa a côres de Emmérico Nunes e Cunha Barros, que fizeram obra à altura dos seus nomes ilustres e muitas e primorosas ilustrações em separata que tornam a sua leitura ameníssima e de decidido interesse para os que se interessam pelo futuro e passado do «mais pesado do que o ar».

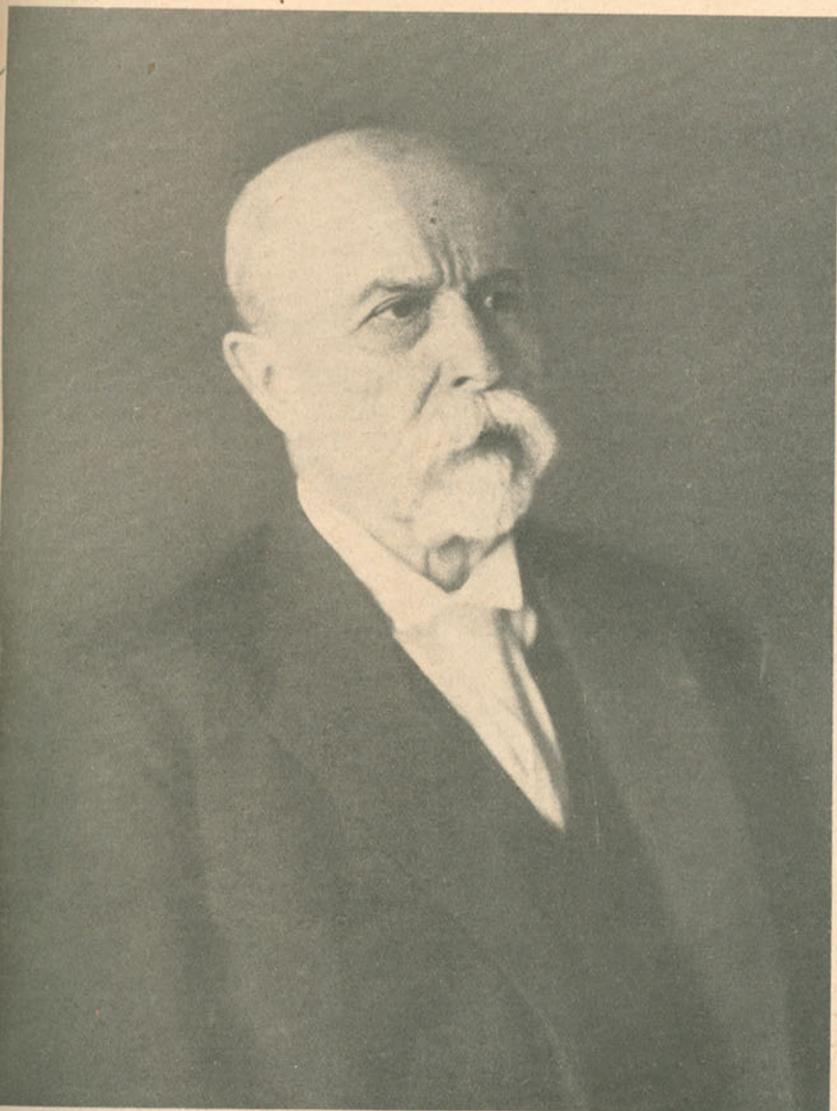


TOMAZ MASSARYK

UMA GRANDE FIGURA EUROPEIA POUCO CONHECIDA ENTRE NÓS

Os jornais diários são, às vezes, antipáticos como as máquinas de choques eléctricos — essas caixas diabólicas, que se assemelham aos fonógrafos antigos no aspecto mecânico, que zumbem como êles monotonamente e que, suponho, são o brinquedo preferido pelos médicos quando se querem divertir à custa de um doente imaginário... Escrevo estas linhas de Bruxelas. O mestér de gazetista obriga-me a arremedar,

nos movimentos esquadrihadores, os típicos trapeiros da minha lixosa Lisboa. A única diferença que há entre êles e eu é que, em vez de enganchar trapagens e papelada, ao cantar do galo, como êsses párias heróicos, eu, que sou noctâmbulo, queimo as pestanas a horas mortas da noite a catar colunas dos periódicos na ânsia de topar notícia de truz que me dê ensejo de cronicar.



O retrato oficial do Presidente Massaryk

Ora ontem à noite estava eu cumprindo, regulamentarmente, essa minha obrigação de grillheta da imprensa, quando os meus olhos piscos de sonceira descobriram, através de um véu que parecia feito de fumo, um telegrama sensacional expedido de Berlim. Segundo êle, o presidente da República Tchecoslovaca tinha recolhido ao leito, atacado de chofre por moléstia possante, diagnosticada pela mestrança médica do país como gravemente infecciosa. Num instante, esgazei os olhos, retomei a lucidez amodorrada do espírito, reli o telegrama e, depois de o ter relido, senti que a notícia, dada com secura, como as efemérides de calendário, me preocupava vivamente. É que, meus senhores, na lista minguada, muito breve, dos homens que admiro, está, numa das primeiras linhas, o nome dêsse homem extraordinário, que é como estadista, como democrata, como cidadão, um modelo inexcedível.

Thomaz Massaryk! Dêle disse Wells, sovína como poucos na distribuição de elogios aos seus contemporâneos, que era o maior homem da Europa moderna colocado no mais central dos Estados europeus. E quando, em 1927, em Genebra, Emílio Ludwig perguntou a Bernardo Shaw quem poderia ser o presidente dos Estados Unidos da Europa, Shaw respondeu-lhe sem hesitar: «Conheço apenas um — Massaryk.» É que, realmente, a craveira intelectual e a estatura moral do fundador da República Tchecoslovaca, ultrapassam largamente as das maiores celebridades europeias. Tôda a longa vida de Massaryk — êle é hoje um velho erecto, penetrante de inteligência, com 80 anos — tem sido um exemplo contínuo e admirável de energia, de cavalheirismo, de espírito de independência, de amor ao estudo, de patriotismo e, sobretudo, de solidariedade—



A homenagem dos antigos legionários ao Presidente Massaryk

franca, instintiva e corajosa — com a gente humilde da sua raça, que o adora como se adoram os redemptores.

As suas origens foram tristes e míseras. Quando êle nasceu, em 7 de Março de 1850, num burgo florestal da Morávia, seu pai era um pobre e timorato cocheiro dos domínios imperiais austríacos, e sua mãe, que cedo vislumbrou a sua inteligência singular, labutava como escrava no castelo de Hodonin. O povo vivia então no país, oprimido e vexado sem intermitências, pelo duro absolutismo dos Habsburgos. Os camponeses esalfavam-se a trabalhar, como servos da gleba, desde os primeiros alvares da manhã até ao sol-pôsto, e nunca juntavam a maquia necessária para mitigar as fúrias perseguidoras de beleguins e cobradores de impostos. Quando os senhores daquelas terras as visitavam, seguidos por um tropel de cães, picadores, peonagem de serviço e tocadores de trompa, para exterminar, em batidas monstrosas, a caça grossa das tapadas, havia repasto lauto no castelo mofento e lúgubre. No fim da comezaina, a criadagem lançava os restos à gente da aldeia, e esta, faminta, entrechocava-se e batia-se para os agarrar. Foi neste ambiente miserável que decorreu a infância de Thomaz Massaryk.

Mas a mãe de Masaryk tem uma confiança desmedida na inteligência e na índole pundo-norosa desse rapazinho, que não pode esconder a sua revolta ao ver tais demonstrações

de servidão e de indigência. O seu maior desejo é fazer dêle um mestre-escola, se o senhor do sítio consentir na perda de um dos seus vassallos. A permissão é dada, após uma série de súplicas e rastejos. E Massaryk entra na escola primária, desbanca todos os condiscípulos pela intensidade da sua compreensão, deslumbra os professores com a sua intuição genial, começa a ser apontado como um prodígio. Aos treze anos sai da Escola Normal diplomado. É um *record!* Mas, com essa idade, ninguém pode ser professor. E êle carece de ganhar a sua vida. A família en-

via-o então a Viena para que trabalhe numa serralharia de arte. Massaryk permanece ali algum tempo mas, como lhe ensinam pouco e mal, um dia desanda para a sua aldeia, entra como aprendiz na oficina de um ferreiro e passa dias e noites, como se fosse um ignorante, a moldar ferraduras, à força de pulso, sobre as pontas da bigorna.

Por fim, o seu sonho doirado realiza-se — entra como professor adjunto numa escola. Como descrever, em poucas linhas, sem frases admirativas, o que foi à sua vida a partir desse dia? Depois de ensinar a ler a petizada, Massaryk aprende o latim, alarga os seus conhecimentos, estuda incessantemente. Ao cabo de alguns meses admitem-no como aluno no liceu de Brno. Ali obtém sempre as primeiras classificações mas, para não morrer de fome, tem de leccionar o filho de um padeiro que, em vez de dinheiro, lhe dá pão. A disciplina nesse liceu é rígida, tirânica. Massaryk revolta-se contra ela, é expulso. Só a sua tenacidade poderia ter realizado, como realizou, o milagre da sua matrícula no liceu de Viena, liceu de aristocratas, onde conclui os seus estudos secundários. A seguir inscreve-se na Universidade e aos vinte e seis anos sai dela doutorado em filosofia, consagrado pelos mestres, que mal ousaram discutir a sua formidável tese sobre Platão. Depois, casa-se. Em 1882, é nomeado professor de filosofia na Universidade teieca de Praga e os estudantes, que veem nele o homem capaz de libertar a sua raça, rodeiam-no, acarinham-no, olham-no como um semi-deus. Em 1891, é eleito membro do Reichsrat, que abandona ao fim de dois anos. Em 1907, é reeleito e é então que a sua oposição ao regime austro-húngaro, ao seu perigoso imperialismo, se acentua, tornando-o popular.



O último retrato do Presidente Thomaz Massaryk

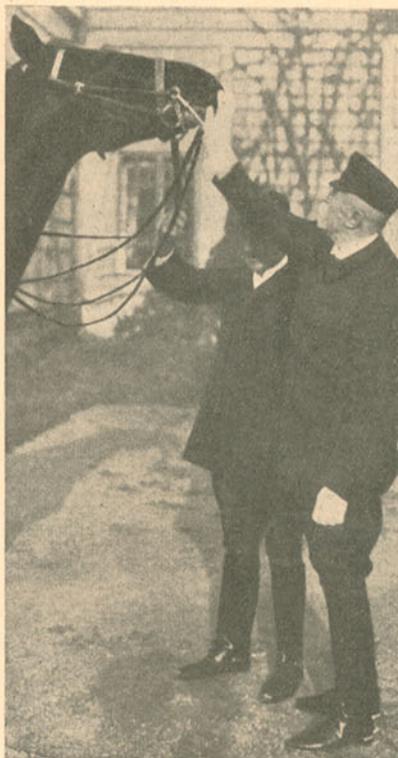


O Presidente Masaryk brincando com os seus netos, que fazem «nudismo» durante as férias

Rompe a guerra. Masaryk vê imediatamente que é chegado o momento de libertar o seu país da servidão. As suas ideias sobre o problema da organização nacional tinham já sido largamente difundidas, aceites, aclamadas. No conhecido livro, editado em França, creio que em 1890, sob «La question tchéque», encontram-se elas sintetizadas nestes claros termos: «O nosso programa político e mesmo o nosso programa nacional mostram-se ineficazes apenas porque são abstractos, porque estão longe de exprimir a plenitude do que reclama a civilização moderna. Um programa nacional não deve consistir unicamente em belas frases — conquanto elas sejam também necessárias — mas na exposição de todos os meios que, dada a situação, nos podem conduzir ao termo das nossas mais sagradas aspirações nacionais. É claro que os partidos devem proclamar como fim a atingir o direito que temos de formar um Estado, isto é, a gozar da independência política. Todavia, é essencial que aqueles que o proclamam conheçam todos os meios de triunfar e se esforcem, na sua esfera de acção, por tornar profunda a sua educação e a dos seus concidadãos, como aconselhava Palacky. A independência não manterá nem salvará nenhum povo. É o povo que deve manter a sua independência. É a moralidade e a instrução que nos hão de salvar. A própria independência política é, apenas, um dos sustentáculos da verdadeira vida nacional. A prova é que nós a perdemos quando cessámos de viver como nação seguindo as leis da moral.»

Para executar este programa, Masaryk, o grande patriota, atravessa a fronteira em plena guerra, deixa a família — a família que ele estremece — entregue às perseguições dos carrascos imperiais, afasta-se dos amigos, do país, de tudo quanto ama. E, a-pesar de ter mais de sessenta anos de idade, faz-se mis-

nário e peregrino. «Segui-lo nas suas viagens — diz J. Pasquier, um dos seus biógrafos — é recitar a carta geográfica do mundo». Durante quatro anos, ele visita, freqüentemente, a Holanda, a Itália, Paris, Moscóvia, Chicago, Washington. Tenaz, persuasivo, lógico, conquistista, dia a dia, para a sua causa, a adesão dos mais eminentes homens de Estado, dos mais possantes jornais da Europa e da Amé-



Thomaz Masaryk afagando o seu cavalo favorito

rica. As suas sugestões fazer organizar em França um exército, um exército verdadeiro, armado e equipado, de compatriotas seus. E em Outubro de 1928 a revolução estala em Praga, destruindo, pulverizando a tirania austríaca. Em 14 de Novembro, a assembleia constituinte escolhe Masaryk para primeiro presidente da nova República e resolve fazer-lhe uma recepção triunfal. Masaryk, que está então em Washington, junto do presidente Wilson, embarca imediatamente para a Europa, interrompe a sua cruzada, vai realizar, como homem de governo, o sonho grandioso de toda a sua vida.

Que fez ele depois? Muitas e belas coisas, tantas, tão fascinantes, que eu não ousou sequer esboçar-las num artigo de *magazine*, escrito depressa e com dimensões limitadas. Mas basta saber-se que foi ele o chefe espiritual da revolução que levantou as nacionalidades oprimidas, basta saber-se que foi ele quem forneceu aos aliados o plano de reconstrução da Europa central, para que todos os democratas e todos os homens de coração, o admirem, como eu o admiro. O destino não há de querer que a doença destrua a vida preciosa desse incomparável patriota, diante do qual um povo de 10 milhões de almas, um povo que ele sempre amou, um povo que ele reuniu, se prosterna religiosamente. Esse extraordinário homem de acção, esse seguro construtor, tem ainda uma grande, uma honrosa tarefa a realizar. «O trabalho futuro de Masaryk — di-lo, inteligentemente, o dr. Jean Herben, num estudo recente — será ainda, será como sempre, um trabalho de construção, uma obra regeneradora edificada pelo seu vasto espírito de criador.»

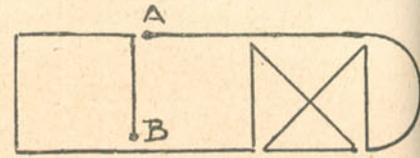
O Mendes:— Antes de casarmos minha mulher dizia-me que sabia muito bem cozinhar.

O Soares:— E sabia, realmente?
O Mendes:— Tinha pouca experiência. Partia os ovos com o quebra-nozes.

O JOGO DO HOMEM

(Solução)

A figura apresentada pode desenhar-se numa linha contínua, sem levantar o lápis do papel nem passar duas vezes pelo mesmo risco. Mas é necessário principiar no ponto



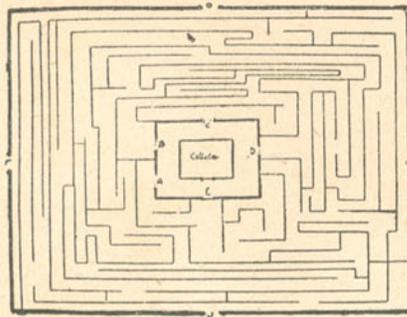
A e terminar em B, ou principiar em B e terminar em A. De outra forma não se pode conseguir.

LABIRINTO

(A cela do prisioneiro)

Um prisioneiro, encerrado na cela, e podendo, para se evadir, transpôr as portas A, B, C, D ou E do corredor interior, hesita porque não sabe qual delas o pode conduzir a uma porta do muro do recinto.

Com efeito, o que êle sabe, apenas, é que,



entre as cinco portas, só uma dá passagem para o corredor, que vai ter a uma porta exterior; as outras conduzem a corredores murados.

Serão os nossos leitores capazes de acertar com a porta?

BOM HUMOR

— O Ferreira sempre me pregou uma partida, o outro dia! — lamentava-se o Monteiro ao seu amigo Brito.

— Que fez êle? — perguntou êste.

— Estava de visita, em nossa casa, e gabou-se diante da família tôda que nunca na sua vida tinha estado doente.

— Não vejo o que haja nisso de mal.

— Não? Já te explico — tornou o Monteiro, embezzerrado. — É que há-de haver um mês, aproximadamente, que eu disse, uma noite, a minha mulher, que êle estava muito mal e que eu tinha de ir perder essa noite junto dêle. Estás vendo agora?

PERSISTENCIA

— Como vais tu lá com a côrte que fazes à filha do banqueiro?

— As coisas não vão mal. Estou recebendo algum estímulo.

— Ela principia a dar-te atenção, não é verdade?

— Não é bem isso; mas ontem já me declarou que me dizia «não» pela última vez.

O patrão, austero:— Deseja, então, que lhe aumente o ordenado? Dê-me, pelo menos, duas razões fortes para eu o fazer.

O empregado, tímido:— Os dois gémeos que me nasceram.

O professor:— Porque é que é sempre melhor dizermos a verdade?

O pequeno:— Porque não é preciso lembrarmo-nos do que dissémos.

Helena:— Achas, realmente, que a ausência faz aumentar o amor?

Susana:— Eu acho, sim. Desde que o Octávio se foi embora que eu amo muito mais o Alexandre.



— Tem cuidado, Anastácio, olha que estás mesmo por cima do meu canteiro de flores!



ANEDOTAS

O Azevedo:— O meu amigo Raúl, que é um excelente pintor, como sabes, pintou um cesto de maçãs com tanta naturalidade que...

O Ramos:— Já sei o que vais dizer. Vieram os pássaros e bicaram-nas.

O Azevedo:— Não é nada disso; a mulher dêle fê-las em doce.

A recém-casada:— O Fernando e eu tivémos ontem uma questão formidável a propósito da maneira de festejarmos as nossas bodas de ouro.

A amiga:— Essa agora! Há quanto tempo estão vocês casados?

— Há três meses.



OFICINA DE IMPRESSÃO

Sociedade Gráfica Editorial

S. A. R. L.

Rua da Alegria, 30
LISBOA

TRICROMIA
DESENHO
TRABALHOS DE
GRANDE ARTE
TRABALHOS
COMERCIAIS
INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO
ORÇAMENTOS
GRATIS

É nas oficinas desta Sociedade que se imprimem todos os belos trabalhos gráficos de

Ilustração, Magazine
Bertrand, O Volante,
Historia da Literatura
Portuguesa (Ilustrada),
Revista Aéronáutica
Almanach Bertrand

As mais modernas instalações do país e aquelas que maior capacidade de produção possuem ~ ~ ~

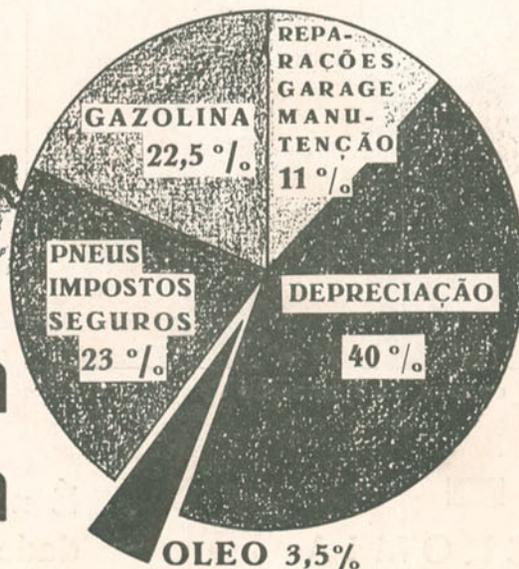
SEÇÃO ESPECIAL
DE PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS ULTRA-
~ ~ ~ RÁPIDAS ~ ~ ~

COMPOSIÇÃO MECANICA



OFICINA DE COMPOSIÇÃO

LUBRIFICAÇÃO — A TREMENDA BAGATELA



**Só 3% da
despêsa
total...**

Nas despesas de manutenção do seu carro, o óleo lubrificante é representado por uma quantia mínima—só 3% do gasto total. No entanto o funcionamento e conservação do motor depende da qualidade do óleo.

As reparações, na sua maior parte—cêrca de 80%—são directamente causadas por uma lubrificação defeituosa. Quem, portanto, julga que faz economia comprando óleo barato, corre o risco de em pouco tempo vir a desembolsar, multiplicado muitas vezes, o dinheiro que por êste meio poupou.

Os fabricantes do «Mobiloil» teem-se especializado em lubrificação científica durante mais de 64 anos. Cada tipo de «Mobiloil» é exactamente adequado ao serviço a que se destina. Para isso foram cuidadosamente estudados por engenheiros com longa experiencia, os sistemas de lubrificação dos vários motores, entre eles aquele que faz mover o carro de V Ex.ª

Para assegurar ao motor do seu carro um bom funcionamento e melhor conservação, siga V Ex.ª as recomendações desses engenheiros, patentes na Tabela Mobiloil

Peça



Mobiloil

Um pouco mais caro — mas vale a diferença

VACUUM OIL COMPANY